UNIV. OF ARIZONA
PQ9261.C3 Z735 1925 mn
Pimental, Alberto/Nosografia de Camilo C
3 9001 03820 5418

Digitized by the Internet Archive
in 2026

https://archive.org/details/nosografia0000cami

ALBERTO PIMENTEL, FILHO

NOSOGRAFIA

DE

Camilo Castelo Branco

2.ª edição, aumentada

1925
Livraria Editôra
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

1.048.760-70

1/2 prova preta
só a prova d'cabeça

30000
40000

Juntar

NOSOGRAFIA

DE

CAMILO CASTELO BRANCO

LIVRA
CAST
E SI
LISE

1.048.

Desta edição imprimiram-se
200 exemplares em papel
Leorne, numerados

Exemplar n.º 200

Alberto Sampaio

Composto e impresso na IMPRENSA LUCAS & C.ª
Rua do Diario de Noticias, 61 — Lisboa

ALBERTO PIMENTEL, FILHO

PQ
9261
C3
Z735
1925

NOSOGRAFIA

DE

CAMILO CASTELO BRANCO

2.ª edição, aumentada

1925
Livraria Editôra
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

A MEU PAI

AO ESCRITOR PROBO E ILUSTRE, AO PAI EXEMPLAR,
AO MAIS LÍDIMO E OPEROSO DISCÍPULO DE CAMILO.

Laudator temporis acti.

Horácio.

Esta Nosografia, agora reeditada, constituiu a minha tese inaugural, defendida perante a Escola Médica de Lisboa em 16 de Julho de 1898, há vinte e seis anos conclusos.

Naquele tempo, ainda não alçapremada à dignidade universitária, a Escola Médica de Lisboa acoitava-se num soturno casarão salitroso, encravado na cêrca do Hospital de S. José, entre a Porta do Carro e o Campo de Santana.

Não tinha anfiteatros nem gabinetes técnicos, mas o que lhe escasseava em abastança material supria-o pelo nível mental a que ascendera e que a nobilitava entre as congéneres do país e do estranjeiro.

Ao termo da minha formatura corria ainda a idade áurea da velha escola. Os Mestres que ali preleccionavam eram da craveira de Sousa Martins, Bettencourt Raposo, Serrano, Câmara Pestana, Miguel Bombarda, Eduardo Mota, Oliveira Feijão, Curry Cabral, Alfredo da Costa, Sabino Coelho, Carlos Tavares, Moreira Junior, Bettencourt Pita, Silva Amado, Abílio Mascarenhas e Ferraz de Macedo.

A Manuel Bento de Sousa, que fôra um dos mais categorizados Asclepíades desta aristocracia galénica, já o não tive como mestre, posto ainda vivesse, jubilado, rijo de corpo e de espírito, consagrando à exploração agrícola da sua quinta de Azeitão proficiência e labor iguais aos que dedicara ao cultivo da ciência.

Mas conheci-o através da tradição, que na Escola se não

obliterara, da sua possante envergadura clínica; pude ajuizar das suas lições pelas que Alfredo da Costa recolhera e publicara; e a leitura do *Dr. Minerva* documentára-me à saciedade a orientação determinista das suas faculdades críticas, a que servia de instrumento uma forma de exposição impecàvelmente literária.

Manuel Bento realizara com êsse livro o primeiro ensaio português de medicina da história, antecipando-se ao voto que mais tarde havia de formular o malogrado José de Lacerda. É notável o estudo psíquico de D. Sebastião, que um dos hodiernos biógrafos do *Desejado* não cita por ignorância imperdoável, jactancioso senobismo ou reservados propósitos.

José Tomás de Sousa Martins despedia então os derradeiros fulgores da sua eloqüência e da sua erudição.

Imbuído equilibradamente de classicismo e modernismo médico; seguro de todas as ciências propedêuticas que são a chave da fisiologia normal e patológica; esclarecido por uma natural sagacidade clínica, cotidianamente cimentada com a experiência da mais larga e mesclada clientela do tempo; humanista dado ao convívio das obras primas da literatura antiga e contemporânea, nacionais e estranjeiras, amoldando a exposição didactica ou a controvérsia científica aos rasgos duma eloqüência em que a vivacidade e a multiplicidade das imagens, o imprevisto das associações, a clareza do trabalho mental, quer indutivo quer dedutivo, as analogias e os contrastes, o humorismo e a ironia, o vocabulário castiço, preciso e extenso se entrelaçavam numa facúndia opulenta e sugestiva, tôdo êste complexo duma altíssima cerebração trouxeram Sousa Martins ao primeiro plano do tablado médico e explicam às gerações actuais a idolatria que nós todos, os que fomos seus discípulos, lhe consagrávamos e a razão do seu monumento em face da Faculdade de Medicina, que êle tanto dignificou.

Desta forma, imprimiu Sousa Martins à cadeira de Pato-

logia Geral uma orientação inteiramente nova, cujo arcaboiço se avalia através dos programas do curso, credores da admiração de Bouchard que, só por conhecê-los, quís conhecer-lhes o autor.

O alto poder de indução e de síntese que demarcava a mentalidade de Sousa Martins e os preciosos instrumentos de hermenêutica que as ciências histórico-naturais e físico-químicas lhe facultavam, largamente justificam a celebridade alcançada na regência desta disciplina.

Todavia, parece que o Mestre antes haveria desejado uma cadeira de clínica médica, onde pudesse pôr à prova todos os recursos da semiótica, que nenhum lhe foi desconhecido, e o oportunismo da sua acção terapêutica, derivado da precisão ou da suma probabilidade da diagnose, como exigia Baglivi: *medicus sufficiens ad morbum cognoscendum, sufficiens ad curandum.*

Teria sido então mais fácil recolher-lhe as lições, que o tempo, dividido pela cátedra, pela clínica hospitalar e urbana, pela acção doutrinária exercida através da imprensa profissional, da Sociedade das Ciências Médicas e dos congressos, lhe não deixava escrever. E isto pela razão de que o carácter mais concreto e hipocrático, menos especulativo e mais cingidamente demonstrativo das lições de clínica tornaria possível reproduzi las com aproximada exactidão do conceito e da forma, ao invés do que sucedeu com as suas lições de Patologia Geral, onde a largueza dos vôos filosóficos e a fluência imaginosa da exposição tornavam sobremodo ingrata a emprêsa de fixá-las.

A prova do meu acêrto está nas *Lições de Patologia Geral e Semiologia*, que, coligidas por dois discípulos de Sousa Martins, ao tempo terceiranistas, Décio Sanches Ferreira e António Barbosa, correm impressas desde 1900 e que só teem a recomendá-las o prefácio que lhes escreveu o professor Bettencourt Raposo, a quem, como de direito, hei-de referir-me.

O que falta a essas lições é a forma, diz justamente o

os houve e há de haver, de malsinar os processos e atitudes de Tomás de Carvalho, apresentando-o, no tocante aos hábitos mundanos, como um neo-epicurista, a quem, mais do que a qualquer outro da antigüidade, quadrava a diatribe horaciana:

Epicuri de grege porcus.

Outra origem e outra razão não teve a oposição que os conselhos da Escola e o de Instrução promoveram à entrada de Tomás de Carvalho no magistério médico, que êle conquistara galhardamente em concurso, e que só pôde ser vencida com o socorro da lei e da opinião pública.

Ora o professor Serrano não só conseguiu ombrear com a tradição de competência deixada por Tomás de Carvalho, como até a excedeu. É possível que o autor da *Memória sôbre algumas particularidades dos ossos do carpo e do metacarpo* [1] conseguisse realizar obra tão vasta como a do professor Serrano, se não malbaratasse o tempo que o professorado lhe deixava livre, principalmente depois de haver abandonado a clínica. Mas o certo é que Serrano valorizou muito mais a sua proficiência, e que com esta logrou sustentar e sobrepujar um confronto que a muitos se afiguraria vir a ser-lhe desfavorável.

À vida intensamente sociável de Tomás de Carvalho opunha o professor Serrano, fora das horas lectivas, uma quási claustral existência, na Casa de Saúde Lisbonense, que dirigia a Entre Muros com Sousa Martins e Bettencourt Pita e onde residia.

Com as expressivas fulgurações ou a fixidez penetrante do olhar, com a crispação das comissuras labiais que em

---

[1] Memória apresentada em 1857 à Academia Real das Ciências, por Tomás de Carvalho.

Tomás de Carvalho era a tradução somática dos seus hábitos de jovialidade e dos seus ritos de ironia, contrastava a rígida apresentação de Serrano, a sua máscara severa e impassível, em cuja fronte o treino da reflexão e a forçada convergência duma visão míope haviam víncado as rugas que tanto imobilizam a *facies* e a impregnam de energia mental

Tomás de Carvalho tratava os alunos com afabilidade e com êles mantinha relações extra escolares. Serrano era pouco acessível na cátedra e friamente polido fóra dela; não chamava os alunos durante o ano lectivo, preleccionando em curso livre, de modo a não prejudicar o conceito do exame com o critério da melhor ou pior freqüência escolar. De sorte que êste professor esfíngico, cujo saber todos aliás admirávamos, era para nós como que a personificação de um tratado anatómico que nada mais contivesse nas suas páginas do que áridas e cerradas descrições, e que frémito algum emotivo perlustrasse.

A própria *blague* académica, se o atingia, longe de lhe assacar quaisquer pechas, só caricaturava a profundeza dos seus conhecimentos anatómicos, como no caso referido pelo professor Bettencourt Raposo, em que um estudante, vendo outro achar um botão de ceroula, aconselhou:

— Leva isso ao Serrano que logo te diz que osso é [1].

Eram nêle excepcionais, em face dos alunos, as fugas de bom humor e os comentários jocosos, que se celebravam precisamente pela raridade, e de que eu citarei o seguinte

Numa prova de anatomia, Serrano passara às mãos do examinando o osso temporal, mandando-lho pôr em posição e descrever, mas tão desordenada corria a descrição, que o grande anatómico teve de interrompê-la, exclamando:

---

[1] Elogio do Prof. José António Serrano proferido na Sociedade de Ciências Médicas, em 16 de Dezembro de 1905.

XVI

Entre os amigos dilectos de Trousseau contava-se o romancista Roger de Beauvoir que, chegado ao período último duma afecção cardíaca, estava completamente infiltrado de serosidade e em perigo imminente de asfixia.

Trousseau, tendo esgotado todos os recursos usuais, lembrou-se da abundante secreção de serosidade que os eczemas extensos dos membros inferiores provocam e ocorreu-lhe a idea de aplicar o óleo de cróton, que daquela vez sortiu efeito, a ponto que Roger de Beauvoir desinchou e sobreviveu dez anos. Êle próprio, director da enfermaria de observação, tinha algumas vezes apelado para aquele enérgico recurso, sempre com resultado apreciável.

E, terminada a explicação, o Doutor Pita, soerguendo os olhos ao colega, por cima da luneta, enviezou-lhe um malicioso olhar com êste pungente comentário :

— Bem se vê .

É de crer que o Doutor Pita tivesse lido na cara do obsequioso médico o despeito mal reprimido, êle que tanto perscrutava a *facies* dos doentes, insistindo connosco em que o imitássemos, visto que a mór parte das doenças se traduziam por um aspecto patognóstico do rosto.

Tanto assim, que de uma vez lhe sucedeu ouvir de Marcelino de Mesquita, seu aluno, uma resposta desconcertante, ao que na Escola se contava.

Fôra distribuido ao Marcelino, àquele desenvolto Marcelino que mais tarde viria a ser um dos primeiros dramaturgos do seu tempo, um certo doente para observação e diagnóstico; mas entre os sintomas referidos pelo autor da *Morta Galante* não havia a mais ligeira referência à *facies* do enfermo.

Fez-lhe o Doutor Pita sentir a falta, insistindo mais uma vez nas preciosas indicações colhidas do aspecto fisionómico dos doentes. E, naquele caso, a *facies* era típica.

— Olhe para a *facies* do doente. É uma *facies* de quê?

— De malandro, ripostou vivamente Marcelino.

E era, de facto, uma *facies* clássica de rufia, macilenta e encovada, porque se tratava dum tuberculoso.

O professor João Ferraz de Macedo, com quem no quinto ano fazíamos a Clínica Médica, era o mais janota e conselheiral de todos os nossos mestres.

Alto, espadaüdo, fisionomia desanuveada, que umas compridas patilhas inglesavam, víamo-lo todas as manhãs entrar na sua enfermaria às 8 1/2, escrupulosamente barbeado, de sapato de verniz, piuga de sêda, listrada, sobrecasaca de apurado corte, cujas bandas êle sacudia com freqüência sôbre os ombros, num gesto largo, entalando entre o polegar e o index a cava do colete e bamboleando ligeiramente o busto.

Ferraz de Macedo tinha numerosa e escolhida clientela urbana, freqüentava boa sociedade, era atencioso com os alunos.

O seu ensino valia principalmente pela orientação prática, visando a cima de tudo a semiótica e a terapêutica e insistindo com meticulosidade no diagnóstico diferencial. Seguia assim a orientação indicada por Trousseau numa das lições de abertura do curso de clínica médica, em que afirmava serem muito diferentes as missões do professor de Patologia e do professor de Clínica.

O primeiro «deve metòdicamente traçar a história das doenças, indicar-lhes as causas, a natureza, os sintomas, o tratamento.» [1] Ao segundo pertence a diagnose, tal como habitualmente se apresenta na prática, com os seus coeficientes de variação pessoais, e a terapêutica, também eminentemente variável segundo os indivíduos. «Em uma palavra, o professor de clínica, salientando o que há de comum entre o caso presente e as formas clássicas, indicará com um cuidado mais minucioso ainda as suas diferenças e a razão destas.» [1]

---

[1] Trousseau : *Clinique Médicale de l'Hotel-Dieu*. Paris, 1865, 2.ª edição, tomo I, Introdução, pag. XXVIII.

XVIII

O professor Ferraz de Macedo foi durante algum tempo enfermeiro-mór dos hospitais, que lhe ficaram devendo importantes melhoramentos, principalmente o de S. José e com os quais demonstrou uma exacta compreensão das necessidades materiais daqueles estabelecimentos, que procurou modernizar.

Em Matéria Médica pontificava o Dr Eduardo Augusto Mota, homem erudito e original, bondoso e simples. As *Lições de Farmacologia e Terapêutica Gerais*, de que se publicou em 1896 a segunda edição, podem atestar aos que não foram seus discípulos a elevada competência, os vastos conhecimentos e a clareza e a elegância de exposição do professor Eduardo Mota.

A apresentação despretensiosa, a jovialidade do tracto tornavam-no estimado dos alunos, que não deixavam de sublinhar-lhe os ditérios, como êste que me ocorre agora:

Um aluno que ia realizar a sua prova de Clínica Cirúrgica encontrou ao entrar no Hospital o Dr. Mota, que lhe preguntou se já fizera acto. Que não, que o ia fazer naquele dia.

— E os argüentes quem são?

— Os Drs. Feijão e Cabeça, respondeu o candidato.

— Feijão e Cabeça... Tenha cuidado, isso é indigesto.

No grupo da Cirurgia ombreavam galhardamente José Curry da Câmara Cabral, em Medicina Operatória, e Francisco Augusto de Oliveira Feijão, em Clínica Cirúrgica.

Curry Cabral era a encarnação perfeita do clínico, tanto no aspecto físico como na feição psicológica. Carácter impoluto e austero, apresentação sòbriamente severa. Profissionalmente amoldado na escola de Tillaux e Farabeuf, a sua maneira operatória visava mais ao rigor do que à audácia e à innovação; cada intervenção sua era simultâneamente um acto cirúrgico e uma prática de disseção.

A competência, a probidade de Curry Cabral ficaram assinaladas na administração dos hospitais civis, que dirigiu

por forma à que ainda hoje se nomeia a sua gerência como uma das mais honestas e inteligentes.

Oliveira Feijão tinha duas paixões igualmente dominadoras: a cirurgia e a agricultura. Em Santarem, na quinta da Mafarra, fazia operações agrárias e em S José operações cirúrgicas; e ambas as espécies as realizava com ânimo audacioso. Alto, elegante, robusto, de olhos azuis insinuantes, curta barba ponteaguda, dentadura alvíssima, sorriso fácil, gesticulação sacudida e enérgica, dição cantante em que os *r r* rolavam, Oliveira Feijão representava o tipo do agricultor ribatejano, de fina estirpe, discretamente amarialvado, médico entre os lavradores, lavrador entre os médicos.

Na Obstetrícia sucederam-se com curto intervalo, durante a minha formatura, dois lentes, ambos notáveis ginecologistas: Abílio Pinto de Mascarenhas e Manuel Vicente Alfredo da Costa.

Abílio Mascarenhas faleceu no meu quinto ano. Pouco o vi trabalhar, mas o bastante para lhe observar a perícia e o sangue frio de parteiro consumado, a que não faltavam requisitos naturais de levêsa e finura de mãos. Êste médico, morto aos 46 anos, em plena florescência das suas invulgares qualidades profissionais, era simultàneamente um *virtuose* do canto, que praticava com a paixão dum verdadeiro artista.

Alfredo da Costa, que lhe sucedeu, e que veio a falecer alguns anos depois, cruciantemente torturado por um carcinoma, era canarim de orígem e, como quási todos os da sua raça, inteligente, perseverante, calmo. Tive-o como professor de Anatomia Topográfica e de Obstetrícia. Viria a ser indubitàvelmente um mestre afamado, porque todas as suas faculdades estavam consagradas ao exercício da medicina. Espírito de iniciativa, sonhava com a realização de maternidades modêlos, onde todos os cuidados e recursos de assistência clínica, material e moral, pudessem ser postos ao serviço das parturientes e dos recem-nascidos, de

modo a promover a melhoria da raça pela melhoria das condições do nascimento.

Luís da Camara Pestana fizera pouco antes o concurso para lente substituto da secção médica. Estou a vê-lo: magro, pálido, olhos negros e profundos, barba preta, traços meridionais, compondo um semblante onde a espiritualidade transparecia na vivacidade do olhar e na serena e acolhedora expressão fisionómica.

Cruel ou redentora é a Morte, consoante derruba um espírito votado à consecução de ideais benemerentes ou fulgura uma vida de abjecção, de sofrimento.

Cruelíssima foi a Morte com Câmara Pestana. Colocado, à custa do esfôrço próprio, em condições de poder realizar os seus projectos de sábio e de altruista, na posse emfim das condições materiais, embora escassas, que lhe poderiam facilitar uma missão, longamente sonhada e apetecida, colhe-o a Morte por uma forma brutal, embora ao arrebatá-lo o aureolasse de glória.

Contaminado duas vezes pela peste que, movido de puro interêsse científico, fôra estudar ao Pôrto, veio a morrer do segundo ataque, em Lisboa, a despeito de todos os meios empregados para arrancá-lo ao prematuro trespasse.

Na sessão de 25 de Novembro de 1899, contava a êste respeito o professor Alfredo da Costa na Sociedade de Ciências Médicas:

«Pestana, além do seu amor pela ciência era dos portugueses mais dedicados pela pátria.

«No dia da segunda partida para o Pôrto, lembrei-lhe quanto o estudo da peste seria perigoso para êle, e que talvez fôsse prudente não se expôr segunda vez.

«Êle respondeu-me que tinha uma razão de tal ordem que não podia deixar de obedecer-lhe.

«Tinham vindo médicos de toda a parte e que, mais tarde ou mais cedo, deviam aparecer diversos trabalhos, e que êle como português e como director do Instituto de Bacte-

riologia não podia deixar de apresentar primeiro que ninguem um trabalho sôbre a peste.» [1]

Cercado de colegas devotados, foi-lhes expondo, durante o delírio preagónico, a história do tratamento da peste através dos séculos, frisando a inanidade de todas as terapêuticas ensaiadas. A sua agonia foi pois, como a de Sócrates, uma lição de ciência e uma lição de estoicismo.

Os médicos da minha geração vibraram de sentida mágua e de sentido respeito pela morte do sábio exemplar, caído no seu posto de honra, intemerato e magnânimo, em si sintetizando todas as virtudes e todas as abnegações que exornam uma classe.

A obra de Câmara Pestana marca na evolução da ciência médica portuguesa o início de uma era de investigação utilitária, em que os trabalhos práticos deixam de ser apenas uma ilustração das teorias para se converterem num instrumento de indução scientífica, de pesquisa, de sorte que os laboratórios, servindo para demonstrar a ciência, visem, acima de tudo, a descobri-la, deliberada ou ocasionalmente.

O Instituto Bacteriológico, humildemente abrigado à sombra do Hospital de S. José, num modesto barracão, viveu e desenvolveu-se pela pertinácia de Câmara Pestana e converteu-se, sob a égide do seu nome e na mão dos seus discípulos, numa instituïção modelar.

Outro lente dos do meu tempo veio a ter morte trágica, assassinado por um louco: o professor Miguel Augusto Bombarda. Temperamento irriquieto, combativo, não lhe foi liça suficiente o campo clínico para exercer a sua transbordante actividade e lançou se na política com espírito mais executivo do que doutrinário. O homem de acção, o político, prejudicou nêle o sábio e o professor.

---

[1] *Jornal da Sociedade de Ciências Médicas*, n.º 1 e 2, Janeiro de 1900.

As produções científicas de Miguel Bombarda datam principalmente da primeira fase da sua acção social. Bastava-lhe então a arena científica para cevadoiro de combatividade. A polémica com o jesuita Cabral a propósito da consciência e livre arbítrio data dessa época e através dela se sente a efervescência dum opositor da escola de Pouchet, com facilidade perdendo a atitude serena da controvérsia científica para descer ao ataque directo, ao efeito das frases e não dos argumentos. Da mesma época ainda provém o estudo sôbre a epilepsia, as conferências de psiquiatria, feitas em Rilhafoles para os estudantes de medicina e ilustradas com a exibição dos doentes do manicómio, os cursos de fisiologia, etc.

Foi notável de esfôrço e de pertinácia a acção desenvolvida por Miguel Bombarda na organização da «Liga Nacional Contra a Tuberculose», se bem que no fundo movida ainda, consciente ou inconscientemente, pelas suas tendências combativas.

Realizaram-se três congressos dos núcleos da Liga, brilhantes como afirmação científica do corpo médico português, mas improfícuos nos seus resultados materiais, talvez por êsse mesmo espírito de combatividade que era a mola oculta da sua acção. Problema, a êsse momento e hoje ainda, mais administrativo do que médico, só poderia ter achado um começo de solução na propaganda que interessasse todos os valores nacionais, que congregasse em vez de dividir e que fôsse completamente estranha a emulações de qualquer natureza.

A prova está em que, depois de 1910, ninguem mais pensou na Liga Nacional Contra a Tuberculose.

A actividade científica de Miguel Bombarda vai afrouxando com as pugnas políticas, com os discursos parlamentares e as prelengas comiciais, porque, senhor emfim de poder livremente exercitar os impulsos ardorosos de lutador, quási se esquece da pura cultura científica.

O seu último trabalho, *A enfermagem religiosa*, apare-

cido em 1910, ano em que o assassinaram, é a derradeira investida do lutador intemerato que só a Morte pôde subjugar.

Tal como se percebe através dos seus escritos, o trabalho mental do professor Miguel Bombarda caracteriza-se por apreciáveis qualidades de síntese e de vulgarização científica e filosófica. Para uma acção puramente construtiva faltava-lhe a persistência, a pertinácia, a minuciosa apreciação dos factos, que o Dr. Bombarda muitas vezes fixava unilateralmente, na freima de os agrupar, remontando às teorias e aos sistemas, que são, para a polémica científica, mais agressivos e mais sugestionantes.

Carlos Joaquim Tavares, discípulo dilecto de Sousa Martins e de Manuel Bento, era ao tempo primeiro substituto da secção médica, mas não entrou em exercício durante a minha formatura.

A veneração e a amizade pelos mestres eminentes eram tão enraizadas na individualidade de Carlos Tavares, que em todas as manifestações da sua vida mental e social se revelaram na tendência de os igualar.

Como êles, Carlos Tavares tinha o culto da palavra e da forma literária. Ainda estudante e por ocasião das festas Camoneanas de 1880, Carlos Tavares fez se notar como orador numa alocução proferida no salão do Teatro da Trindade. Tão alevantado e vibrante de emoção patriótica foi êsse discurso que os condiscípulos o levaram em triunfo e lhe ficaram celebrando a eloqüência excepcional.

Êste fervor pela divina arte da palavra acompanhou o professor Carlos Tavares através da sua vida profissional e serviu-lhe para render pùblicamente o preito da admiração que tributara em vida aos dois mestres gloriosos em panegíricos que valem pela forma e valem pela emotividade que nêles vibra de princípio a fim.

Da forma literária com que Carlos Tavares sabia revestir os seus escritos pode servir-nos de documento o trecho seguinte duma monografia publicada no *In Memoriam* de

Sousa Martins e que duplamente nos revela a ternura do Mestre e a prosa elegantemente concisa do discípulo:

«Foi num quarto do sanatório da Covilhã, com a voz entrecortada pela tosse, os olhos marejados de lágrimas e o semblante expressivo da mais saudosa tristeza que ainda impressionou minha alma.

«Falava-me de sua mãe, daquela doce e santa vèlhinha que nós, os amigos do filho, tanto estimámos e cercámos sempre de tanto respeito.

«— Olhe, Tavares, dizia-me Sousa Martins, se me não sobrassem razões para venerar-lhe a memória, e crê-la a mais bondosa e santa de todas as mães, bastava-me um episódio que lhe vou contar sucedido imediatamente à votação que me deu lugar na Escola. Logo que tive conhecimento dessa votação corri a casa e a primeira pessoa que vi, ao entrar, foi minha mãe. Cravou em mim um olhar interrogador, ao mesmo tempo que eu lhe dizia:

«— Minha mãe, fiquei professor por unanimidade. E, tal dizendo, abri os braços. E, quando ia a abraçá-la e esperava que me estreitasse nos seus, fita os olhos no chão e exclama com tristeza: — Coitada! Como estará a mãe do pobre Amado!

«O professor Amado fôra, no concurso, como se sabe, o único competidor de Sousa Martins.

«Leitor, se estamos honrando a memória de Sousa Martins, não me leves a mal que eu honre a da mãe que êle tanto amou. Se êle pudesse surgir do túmulo, — crê em mim, — mais do que êste livro agradeceria êste poema, em que Deus está todo e todo está o Amor, que ela disse em poucas palavras e com as mesmas palavras escrevi.»

Na clínica, Carlos Tavares, seguindo as pisadas de Sousa Martins e Manuel Bento, afirmou-se um dos mais sabedores e seguros médicos da sua geração, tendo angariado uma clientela numerosa e escolhida, o que o não impedia de prestar com absoluto desinterêsse os socorros profissionais, sempre que apelassem para a sua reputada competência.

Nunca se emiscuiu na política militante, mas o seu credo íntimo e sincero manteve o com uma firmeza e independência de carácter do quilate das que haviam sido um dos valores morais dos Mestres que, invisìvelmente, através de toda a vida, nortearam Carlos Tavares.

Chega o momento de falar-lhes dos únicos quatro sobreviventes de tão escolhida grei. São êles Pedro António de Bettencourt Raposo, José Joaquim da Silva Amado, Sabino Maria Teixeira Coelho e Manuel António Moreira Junior.

O Dr. Bettencourt Raposo não foi meu professor; só o tive como argüente na defesa da tese inaugural. Durante o curso vio-o porém muitas vezes, porque êle sucedera a Sousa Martins na regência de Patologia Geral, fazia parte dos júris de exame e das defesas de tese.

E querem que lhes diga ? Era com um duplo sentimento de consideração e de temor que se associava no meu espírito a representação daquele homem singular, dotado de uma inteligência superior e de uma independência qúasi selvática. A sua pessoa física era de molde a entreter êste conceito : magro, pálido, grenha e barba hirsutas, mas sempre em extremo asseio, certo grau de estrabismo e uma entonação nasalada que mais se acentuava na ironia ou na réplica agastadiça. Uma figura de duende ou de astrólogo medievo que mais se caracterizava ainda nos actos oficiais, quando o Dr. Raposo envergava a béca e enterrava na cabeça a borla negra, e a que só faltava o óculo simbólico da perscrutação sideral.

Veio a defesa da tese : lá estava no júri o Dr. Bettencourt Raposo e era de crer que o assunto que eu escolhera e pelo qual, aliás, segundo a letra do regulamento, a Escola não respondia, promovesse da parte de tão eminente opositor uma crítica acerba ou uma ironia esmagadora. Devem compreender a minha espectativa.

Mas nada do que eu prefigurava veio a realizar-se. Sem tocar, por magnânimo propósito, na urdidura scientífica do

XXVIII

O Dr. Raposo vivia ali com a Mãe e a Irmã, a quem tributava a mais devotada afeição.

Mandara para êsse fim modificar a moradia da Romeira que fôra em grande parte convertida num vasto salão, amplamente envidraçado, dando sôbre a quinta e onde estavam instaladas a casa de jantar e o escritório, com uma sobriedade a que não faltavam nem confôrto nem elegância. Fôra o próprio Dr. Raposo o arquitecto, o mestre e muitas vezes o operário das obras, porque poucas são as artes mecânicas que êle não conhece e cuja ferramenta não saiba manejar.

Dali vinha nos dias lectivos a Lisboa, raras vezes por Loures, preferindo o trajecto por Alverca, onde passa a linha férrea do Norte, e que era percorrido de bicicleta ou a cavalo.

A fadiga de tão longa caminhada, particularmente penosa no inverno, suportava-a êle pelo benefício que à saúde da Mãe representava a vida na Romeira, para onde algum tempo antes e já em idade avançada aquela senhora viera com tuberculose pulmonar, ali abortada pela sanidade do local.

De resto, o seu feitio avêsso a mundanismos tornava-lhe suportável e talvez até aprazível a paz octaviana em que a vida decorria na Romeira e que só durante o verão era uma ou outra vez alterada por visitas íntimas, principalmente senhoras, que vinham de Lisboa.

Mesmo isolado, porém, e mantendo com a capital um contacto tão limitado, não deixava de acompanhar atentamente o movimento scientífico e literário, nosso e de estranhos. Por vezes, fugazmente, vinha na conversa uma alusão à política, que nunca era uma diatribe, nem um comentário odiento, mas uma ironia ou um sarcasmo.

Republicano desde a idade de razão, Bettencourt Raposo era nêsse tempo — e deve sê-lo ainda hoje — pelos ideais de liberdade e de tolerância, pelo renunciamento a honras e benesses, pela simplicidade de hábitos e de trato

social, pela bondade compassiva, um girondino tão idealista como os de 89.

E sirvam de fecho a êste tôsco perfil dois factos que vou narrar, comprovativo um da inteireza do seu carácter, da conseqüência das suas opiniões, e outro da delicada afectuosidade que se abriga sob aquela rígida aparência física.

O Dr. Bettencourt Raposo era cirurgião dos hospitais no tempo em que João Franco, ministro do reino, mandou aplicar aos funcionários hospitalares a obrigatoriedade do ponto. Não concordou com essa imposição o Dr. Raposo e não a cumpriu, por entender que a oportunidade da visita à sua enfermaria só êle poderia determiná-la, conforme as exigências do serviço clínico. João Franco demitiu-o de cirurgião dos hospitais.

Mas não sabia, ao fazê-lo, segundo depois afirmaram amigos comuns, que se tratava do Bettencourt Raposo, lente da Escola Médica, pessoa por quem tinha subida consideração.

Quis reintegrá-lo, ao que o eminente professor se recusou, insistindo em que a sua demissão era definitiva, porque irredutível era a sua opinião a respeito da obrigatoriedade do ponto para os cirurgiões dos hospitais.

O outro facto é êste. Decorrido um ano sôbre a minha chegada a Bucelas, manifestações várias de artério-esclerose começaram afligindo a Mãe do Dr. Raposo, que me encarregou de lhe assistir na doença; mas os sofrimentos foram-se agravando até que, no Carnaval de 1901, creio que em terça-feira gorda, aquela resignada e boa velhinha falecia.

Mal a notícia me chegou a Bucelas corri à Quinta da Romeira, com a intenção de lá ficar aquela noite, velando o cadáver e acompanhando o meu ilustre Mestre.

Encontrei o Dr. Raposo menos sucumbido do que eu fantasiara, porque até ali nenhum facto grave, que eu conhecesse, viera pôr à prova o seu estoicismo.

cês, que, levantando-se num ímpeto, resolve ir procurar o inglês, descompô-lo e bater-lhe.

«E ao acercar-se furibundo do imperturbável gentleman, detem o gesto ameaçador, porque êste, muito em silêncio, muito serenamente, está chorando.»

Entretanto chegara a hora dolorosa do saimento. Havia já muita gente de Bucelas, vinda expontàneamente num preito de estima pelo vezinho ilustre, pronto sempre a levar desinteressadamente os socorros da sua arte, onde quer que o chamassem.

Despedi-me do Dr. Raposo, porque ia acompanhar o cadáver. E, ao abraçá-lo, vi que lágrimas furtivas lhe desciam pelas faces pálidas, tão silenciosas e lentas como as do inglês de Douvres.

Tal o homem na intimidade.

Quanto ao professor, quanto à extensão e profundidade do seu saber, à sua elevada capacidade de concepção, às suas faculdades críticas percorra o leitor a colecção do Jornal da Sociedade das Ciências Médicas,que lá encontrará publicadas algumas das lições de Patologia Geral professadas pelo erudito médico e que muito melhor do que eu lhe darão idea da complexa mentalidade do Dr. BettencourtRaposo.

Os próprios alunos, surpreendidos com a feição filosófica dessas lições, alcunharam-nas de *patologia no espaço*, certamente pela largueza com que nelas são tratadas as questões de Biologia que mais interessam à Pathologia Geral e que lhe servem de indispensável introdução.

O Dr. José Joaquim da Silva Amado foi meu professor de Medicina Legal e de Higiene. Homem sabedor, fazia-se estimar pela condescendente amizade com que tratava os alunos, que lha retribuiam e o designavam carinhosamente por «Pai Amado».

Um dos seus filhos, o Ilídio, prematuramente faleciido, foi meu contemporâneo na Escola. Era um moço talentoso, com variadas aptidões artísticas : compunha música, representava com extrema naturalidade e graça.

XXXIII

Foi êle o organizador da primeira tuna académica de Lisboa, que conseguiu levar a Madrid no Natal de 1896, se me não engano.

Eu figurei como excursionista, posto não fizesse parte da tuna, como o não faziam o actor Chabi Pinheiro, então estudante, o jornalista Eduardo Fernandes e tanto outros que a acompanharam.

Ora no regresso de Madrid tivemos ocasião de reconhecer até que ponto iam os *sentimentos paternais* do professor Amado, que fôra à capital espanhola na mesma ocasião e de perto acompanhara a visita dos estudantes portugueses.

Nós vínhamos literalmente *depennados*, pela maior parte. Oito dias de Madrid haviam-nos consumido todas as reservas monetárias que leváramos, a ponto de que, quando nos metemos no comboio para Portugal, estávamos na perspectiva de jejuar durante as 24 horas que qúasi durava então a viagem nos ordinários trens ordinários.

Não sei como, ainda na estação das Delícias, o *pai Amado* soube da penúria que grassava entre os académicos e, como distinto higienista que era, resolveu desde logo empregar as medidas profiláctica que o caso requeria, mandando distribuir do seu bôlso aos mais necessitados os meios precisos para debelar-lhes a fome, que é má conselheira e poderia dar lugar a qualquer incursão nos bufetes das gares por onde havíamos de passar...

Entre os mais notáveis cirurgiões que pela Escola Médica teem passado, figura, sem contestação, o Dr. Sabino Maria Teixeira Coelho, hoje jubilado, mas ainda em plena actividade científica.

Regeu durante o meu curso a cadeira de Anatomia Patológica. A carência absoluta dos meios práticos indispensáveis a um estudo racional dessa disciplina, que só em gabinetes especiais pode ser ùtilmente seguido, não obstava a que as suas lições fôssem escutadas com agrado e proveito, tão excepcionalmente brilhante e claro era o ensino descritivo do Dr. Sabino Coelho.

Recordo-me ainda da curiosidade com que seguimos as lições sôbre inflamação, interpretada à face das descobertas então recentes feitas no Instituto Pasteur de Paris pelo biologista eminente que foi Metchnikoff. As «Lições sôbre a patologia comparada da inflamação», publicadas em 1892 por êste autor e que nos haviam sido indicadas pelo professor Sabino Coelho, foram para nós uma revelação pelo engenho da técnica experimental que lhes servia de fundo.

Desde a publicação da sua dissertação de concurso, *Artrite Tuberculosa*, até à actualidade são variadíssimas as produções científicas do exímio cirurgião, versando os mais variados assuntos da sua especialidade, quer em monografias, quer em conferências, quer em artigos de jornais, quer em comunicações à Sociedade das Ciências Médicas.

Nesta agremiação, de 1900 a 1904, rara é a sessão em que o professor Sabino Coelho não faz comunicações sôbre os seus casos cirúrgicos ou não apresenta trabalhos originais, depois publicados no jornal da Sociedade, revelando-se numas e noutros não só um cirurgião a par de todos os mais modernos processos da sua arte, mas ainda em muitos casos um verdadeiro innovador.

O meu querido e ilustre amigo Dr. Manuel António Moreira Junior era nêsse tempo um dos mais novos professores da Escola, pouco mais idoso que alguns dos seus alunos. Baixo mas desenvolto, olhar vivo e expressão sorridente, forte cabeleira negra anelada, o Dr. Moreira Junior possuia todas as qualidades intelectuais e físicas para alcançar ràpidamente um dos primeiros lugares da clínica, o que de facto sucedeu.

Tendo regido diversas disciplinas do seu grupo veio por fim, após o falecimento de Alfredo da Costa, a fixar-se na especialidade ginecológica, onde ainda hoje, em plena validez, mantem a tradição brilhante deixada pelos seus predecessores e a dêle próprio, que desde os bancos da Escola se fizera notar como um dos mais sabedores e activos da sua geração.

XXXV

Vai para perto de trinta anos que o Dr. Moreira Junior — o Moreirinha, como é tratado na classe — exerce a vida clínica, sempre na brecha, desenvolvendo uma actividade notável, que bem mostra a verdade do prolóquio: os homens não se medem aos palmos.

Durante êsse longo período, uma ou outra vez a clínica esteve a ponto de perdê-lo, porque a paixão política o absorveu a tal ponto que conseguiu arrancá-lo da cátedra para o sentar na cadeira menos cómoda de deputado e de ministro.

E, valha a verdade, mostrou que lhe sobravam dotes para isso. Foi parlamentar distinto e revelou-se um homem de estado moderno, levando para a gerência das pastas que lhe confiaram qualidades de estudo e de pertinácia iguais às que tem posto ao serviço da nobre profissão médica, posto nunca houvesse conseguido demorar-se no poder tempo bastante a realizar os seus planos administrativos. São reveladoras de superiores aptidões políticas as propostas de lei que formulou como ministro da Marinha e Colónias.

A competência clínica do Dr. Moreira Junior é atestada por uma clientela enorme, pois com a reputação profissional dos médicos sucede coisa idêntica ao que se passa com a reputação dos autores dramáticos: é o público que a forma.

Eu mesmo já tive ensejo de a verificar na minha família de quem o Dr. Moreira Junior é, há muitos anos e sempre com o mais rasgado desinterêsse, clínico assistente. Por duas vezes, em 1912 e na primavera do ano findo, êle amparou solícita e inteligentemente meu venerando Pai na luta com a morte. Da primeira tratava-se duma anúria consecutiva a congestão renal provocada por um arrefecimento e da segunda duma bronco-pneumonia gripal, a que os setenta e cinco anos do enfermo imprimiam particular gravidade.

E assim, de casos como êstes, há de ter nascido a reputação clínica do Dr. Moreira Junior.

* * *

A reedição da Nosografia de Camilo justifica se com a pequena tiragem da primeira edição (1898) e com a celebração do centenário do grande escritor.

A parte médica dêste trabalho, que mereceu a aprovação plena de alguns dos homens cujo perfil acabo de traçar, não sofreu alteração, mas apenas um ou outro acrescento abonatório da doutrina da primeira edição. O mesmo não sucedeu com a parte literária, em que numerosas correcções se fizeram, suprimindo-se certas passagens, justificáveis numa tese inaugural, mas absolutamente desnecessárias ao desenvolvimento do assunto, e outras que, pela forma ingénua ou o exagerado relêvo, explicáveis aos vinte e dois anos, pareceram agora contraditórias com a mentalidade e a experiência dum homem a mais de meio caminho da vida e que, sabendo corrigir-se a si próprio, só em casos excepcionais toleraria correcções estranhas.

Queluz, Janeiro de 1925.

Alberto Pimentel, filho.

I

A irmã de meu pai, decrépita e cadavérica, disse-me que era necessário ser desgraçado para não contradizer os fados da nossa família.

CAMILO CASTELO BRANCO — *Memórias do Cárcere.*

Um escritor francês, dos de mais renome, asseverou deserdado de Deus todo o que não nascesse com uma ponta de loucura. E, de facto, a Psicologia moderna, esmiuçando muito destempero intelectual, conseguiu achar moldes de anormalidade para qúasi todas as inteligências privilegiadas. Os grandes homens começam a ser estudados à face dos novos dados psicológicos, tanto quanto o permite o conhecimento que temos da sua vida e de seu porte moral.

No nosso país, médicos muito ilustres intentaram já estudar, com os dados da Patologia Mental, alguns dos espíritos que se houvessem tornado mais peregrinos nas artes ou nas letras nacionais. Como exemplo mais perfeito, traçado por um cérebro luminosís-

simo, recordo me agora da nosologia de Antero de Quental, que Sousa Martins escreveu com meticuloso cuidado.

Julgo ser fértil em casos similares a literatura portuguesa, e bem de molde a tentar a curiosidade o assunto. E, na nossa galeria literária, a figura de Camilo Castelo Branco, pela incongruência da sua vida, creio ser uma das que mais devem suscitar o interêsse dos psicólogos.

Venero, desde pequeno, a figura literária de Camilo. Para todo o que amar o nosso Portugal, que fôr cioso das glórias artísticas e literárias nacionais, o vulto do solitário de Seide impõe-se, tão fortemente vincado de talento e de infortúnio, que sempre será um dos maiores no rodar dos tempos. Não me parece, por emquanto, bastante popular o vulto literário do autor do *Amor de Perdição*. Verdade seja que as estatísticas acusam uma enorme percentagem de analfabetos no nosso país. [1]

Se o povo português *soubesse lêr*, o nome de Camilo seria dos mais inabaláveis na veneração dos portugueses. Escritor profundamente nacional, o grande Camilo foi o psicólogo mais ilustre que ainda tentou estudar a alma portuguêsa. Português na forma, português na maneira de vêr e de sentir. Parece-

---

[1] Isto foi escrito em 1898. Hoje, volvidos 26 anos, a afirmação subsiste, e pelas mesmas causas!

me ser essa a razão do seu incontestável valor, da sua supremacia, da grandiosidade da sua figura.

Através do romance Camilo fez a análise da sociedade do seu tempo, movendo figuras *copiadas do natural*. Camilo foi, afinal, um escritor realista. Êle observou bem o real, o existente, os costumes e os caracteres do seu tempo. Mas a sua época foi notàvelmente romântica aínda, muito despida da aridez afectiva dos tempos que atravessamos. Camilo observou pois o que então era real, o que estava na maneira de ser e de sentir de todos: o romantismo. Dêle se poderia dizer que foi o naturalista do romantismo português.

Os sentimentos que se chocam nas suas novelas, as paixões dos seus romances, ardentes e fatais, o cunho de funda saudade, de melancolia, que constitui o mais suave perfume da obra camiliana, tudo isso é, repetímo-lo, profundamente português. Camilo é um psicólogo tão apurado, descontados a época e o meio em que viveu, como Balzac ou Zola. Faltavam-lhe apenas as fórmulas científicas da moderna Psicologia.

A Arte não é uma observação servil, banal, simples, estabeleceu-o Taine. O artista põe alguma coisa da sua individualidade na maneira de ser da sua obra, arquitecta-a e executa-a segundo a sua feição intelectual e emotiva.

Uma literatura será de alto valor quando haja em cada obra uma alma diversa.

A maneira realista de Camilo ressente-se porém

demasiado da sua individualidade, de modo que o rigor da observação se atenua muita vez com a transbordante subjectividade do escritor, com a sua particularíssima forma de vêr e de sentir, de chorar e de rir. Porque ninguem, como Camilo, soube aclimar se a êsses dois polos opostos do sentimento humano.

Camilo deve ter chorado muito através da sua vida: é natural que o amargor das lágrimas penetrasse nos seus escritos, porque muitas vezes êle trabalharia com os olhos marejados de pranto Mas riu também o notável romancista : riu e troçou como nenhum, castigando a baixeza dos homens. E na polémica e na troça ele era ainda português.

Rudemente experimentado pela adversidade, Camilo veio a caír no horror de tudo, isolando-se. Os que o mundo maltrata, porque sentem de uma maneira mórbida, acabam no anacoretismo, impelidos pela necessidade do isolamento. O homem forte seria o que vivesse inteiramente só, no pensar de Ibsen. O mundo enfraquece, promove a caquexia da vontade e do sentimento, porque é injusto e mau.

Camilo sentiu a amargura de viver, e transferiu-a aos seus escritos. Não é difícil descobrir êsse facto na sua obra : são espectros as figuras que se movem, espectros que o autor, como o grande escritor do Norte que ainda agora citei, antevê através dum véu denso de desilusão e de desdem.

A análise psicológica dêste pujante escritor fornece provas irrecusáveis da sua anormalidade psíquica.

Conhecendo a obra de Camilo, senti uma irresistível vontade de o estudar, de o encarar à face da ciência em que me eduquei.

E as conclusões a que tal estudo me conduziu vai o leitor conhecê-las nas páginas que seguem.

II

« ..recordo-me eu que fiquei ouvindo de minha tia a história de meu avô assassinado, de meu tio morto no degredo, de meu pai levado pela demência a uma congestão cerebral.»

CAMILO CASTELO BRANCO — *Memórias do Cárcere.*

A verdadeira genealogia de Camilo apareceu pela primeira vez na minha tese, em 1898. A êsse tempo uma das árvores genealógicas mais comummente atribuidas à ascendência de Camilo e por êle próprio organizada era a inserida a pag. 11 da 1.ª edição do livro que meu Pai escreveu sôbre a vida do grande romancista. [1]

Outra genealogia pude então obter, averiguada pelo falecido Visconde de Sanches de Baêna, cujo

---

[1] *O Romance do Romancista* (vida de Camilo Castelo Branco), por Alberto Pimentel. Lisboa, 1890.

nome me foi defeso mencionar. Esta, como a outra, não era abundante em dados que pudessem elucidar-me sôbre a mentalidade dos ascendêntes do insigne polemista. Comtudo, prestava-se melhor às minhas conjecturas, estava mais em harmonia com o ponto de vista científico, porque ia mais longe do que qualquer outra a respeito das profissões e do meio social em que viveram os ascendêntes de Camilo.

De resto, as ilações de valor nosográfico, que esta genealogia me forneceu, não são essencialmente diversas daquelas a que hoje haveria chegado se me socorresse das mais recentes investigações àcêrca dos antepassados de Camilo.

Segue a genealogia:

1 — Martim Rodrigues. Exercia em Vila Real o mister de *almocreve* e foi casado com Maria Pinta, que era tendeira. Dêste matrimónio nasceu:

2 — Domingos Rodrigues Pinto, natural de Vila Real, onde teve loja de *mercador*. Foi casado com Isabel Machado, de quem teve:

3 — Martim Machado Pinto, natural de Vila Real. Por ocasião da aclamação de D. João IV, distinguiu-se na dita vila pelos serviços que prestou à causa da independência, o que lhe valeu ser agraciado com o hábito de S. Tiago. As dificuldades que na vida lhe criou o seu baixo nascimento, poderiam provar-se por documentos que o Visconde de Sanches de Baêna possuia.

Martim Machado Pinto teve amores com Isabel Mendes, mulher solteira, judia e muito conhecida en-

tão em Vila Real pela alcunha de *a Barbuda*. Dêsses amores nasceu um filho, que é o que se segue. Urge porém advertir que Martim Machado, tendo de contratar um bom casamento, [1] foi mister, para o realizar, acomodar-se com a amante, dando-lhe um bom dote e casando-a com um *excelente homem*, chamado Francisco Lopes, *açougueiro*.

4 — Lázaro da Costa, filho bastardo de Martim Machado Pinto e de sua amante Isabel Mendes, mulher que depois foi de Francisco Lopes. Êste Francisco Lopes era *açougueiro* e, pelo já referido dote de sua mulher, fez-se marchante ou contratador de gados. O negócio passou depois para o enteado Lázaro da Costa, o qual foi *casado com uma sua parenta*, chamada Francisca Mendes, de quem teve:

5—Domingos Correia Botelho[2] natural de Vila Real, onde exercía o ofício de *picheleiro*, vendendo pelas feiras objectos de estanho. Casou duas vezes: a primeira, com Arcângela Fernandes, natural de Vila Real; e a segunda com Maria Moutinho, natural da Vila de Favaios, filha de António das Novas, pedreiro, natural da freguesia de Santa Maria de Antim, termo de Gui-

---

[1] Com Maria Botelho da Fonseca, filha de Baltazar Gomes Botelho e de Isabel Botelho da Fonseca, ligados êstes pelo apelido aos alcaides de Vila Real, que eram Botelhos *(Investigação do Sr. Pedro de Azevedo)*.

[2] Tomou o apelido dos ascendentes da mulher legítima de seu pai...

marães, e de sua mulher Maria Moutinha, natural da freguesia de S. Domingos, da Vila de Favaios.

Do primeiro matrimónio, teve:

Manuel Correia Botelho, com quem se continúa,

João Correia, que se diz ter sido frade.

Duas filhas, que, segundo parece, foram freiras.

Do segundo matrimónio teve:

José Luís Correia Botelho, que viveu em Santarem, numa sua quinta de Azoia de Baixo. Comprou em 1767, a Martinho Venceslau da Fonseca Figueiredo, o hábito de Cristo, para o que lhe foi necessário provar a sua ascendência, o que se depreende de outro documento do arquivo do Visconde de Sanches de Baêna, e que eu vi.

D. Ana Bernardina Rosa, falecida em 1811 e casada duas vezes, sem sucessão.

D. Joana, solteira.

6 — Manuel Correia Botelho, natural de Vila Real, onde casou, em 26 de Junho de 1732, com Luisa Maria, filha de Francisco Martins Menezes, cristão novo, e de sua mulher Luisa Rabêla, como consta também de documento, e de quem teve:

Domingos José Correia Botelho, com quem se continúa.

Custódia Terêza do Nascimento, de quem não há notícia interessante.

7 — Domingos José Correia Botelho, natural de Vila Real, bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, nomeado juiz de fóra de Cascaes por carta de 2 de Maio de 1771 (chancelaria de El-Rei D. José,

livro IX, fl. 333). Tinha a alcunha de *Brocas*. Foi casado com D. Rita Terêsa Margarida Castelo Branco, filha de José Pereira da Silva e de sua mulher D. Terêsa Inácia de Castelo Branco. O dito José Pereira da Silva foi capitão de ordenanças em Cascaes, e seu pae e avô exerceram a profissão de marítimos.

Dêste matrimónio nasceram:

Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, com quem se continúa.

D. Rita Brocas, gémea do primeiro, que foi casada com..., de quem teve: D. Maria Brocas e D. Rita Brocas. Esta senhora, depois de enviuvar, teve relações com João Pinto Cabanas, que mais tarde protegeu Camilo. Dessas relações nasceram três filhos — Manuel Pinto, Isidoro e Maria.

Simão Botelho, protagonista do romance *Amor de Perdição*.

8 — Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco baptisado na freguesia de S. Dinis de Vila Real, a 17 de Agosto de 1778, e cuja certidão de batismo tive em meu poder. Manuel Joaquim Botelho teve de . .,[1]

9 — Camilo Castelo Branco e D. Carolina Castelo Branco, casada com o médico Francisco José de Azevedo, pais êstes de José e António de Azevedo Castelo Branco.

Tal é, segundo o visconde de Sanches de Baêna,

---

[1] Jacinta Rosa.

a árvore genealógica de Camilo. Pelo que diz respeito aos ascendentes mais próximos do romancista, ela nada adianta sôbre a outra árvore genealógica há pouco citada, sendo que para êsses nos bastam as próprias palavras do romancista, em diversas passagens da sua obra. Sôbre os ascendentes mais remotos, porém, posto não seja pródiga nas indicações que para mim seriam interessantes, permite sem dúvida mais largas conjecturas, melhor coadunadas com a vida mórbida de Camilo e com a sua singular descendência.

Gente de humilde condição, na sua maior parte, ao que se vê, constituiu a ascendência de Camilo. Parece-me o facto de molde a tornar-lhe mais ilustre o nome, porque êle se elevou à custa única do seu talento. Outra qualquer genealogia que intente nobilitar-lhe a família, não prestará maior brilhantismo ao seu nome literário. Ninguem diz hoje que leu um romance do Visconde de Correia Botelho: o que se lê, são os romances de Camilo...

Depreende-se do estudo da ascendência do solitário de Seide, que as suas apuradas aptidões literárias não foram herdadas directamente do pai, e que tão pouco o atavismo nelas influiu. Mas, nos casos de degenerescência, vêmos muitas vezes a *genialidade* aparecer sem motivos aparentes de herança, bastas vezes até misturada com a idiotia, como fez notar Griessinger. Krafft-Ebing diz: «Moreau chegou mesmo a declarar que a genialidade é uma nevrose. É fóra de dúvida que os homens de génio

teem muitas vezes ascendentes alienados ou defeituosos psìquicamente (o avô e um tio de Schopenhauer eram idiotas) e que êles próprios procriam filhos fracos de espírito e mesmo idiotas». [1]

O facto de avultarem na ascendência de Camilo pessoas de condição social inferior, tem uma alta importância nosológica. Nas classes iletradas, com efeito, as condições de vida são mais ásperas, os vícios e os excessos mais descabelados. Essas classes dão um avultado contingente à loucura. Ora entre os ascendentes dêste ilustre polemista, encontram-se almocreves, mercadores, marchantes, vendedores de feira.

Não é muito natural supôr-se que essa gente tivesse uma vida tranqüila e regrada, isenta de vícios e de excessos. Pensa-se logo, pelo menos, no alcoolismo, cuja influência sôbre a degenerescência psíquica é hoje incontestável. Não me quero aqui referir, é claro, à derrocada psíquica do alcoolismo, tão violenta como nos casos típicos, em que a imbecilidade aparece logo à IV geração, segundo Morel. Os costumes dessa gente, o seu porte social não parecem dever também considerar-se puros. Assim, o ascendente de Camilo Martim Machado Pinto, para efectuar um bom casamento, deixa a amante, à qual dá um dote

[1] Krafft-Ebing — *Traité Clinique de Psychiatrie*, traduit sur la 5ª edition allemande par le dr. Lauzent.

e a quem arranja para marido um *excelente homem*. São sempre excelentes, êstes predestinados.

É de notar que essa amante era uma judia, muito conhecida, tendo uma alcunha estigmática: *a Barbuda.* O filho continuou a viver com a ex-amante do pai e, mais tarde, fez um casamento consanguíneo. Facto isolado, êste casamento consanguíneo não póde ter, sob o ponto de vista médico, grande importância, por isso que ignoro o grau de parentesco e o estado mental dos esposos. Sabe-se porém que, quando se tratam questões de hereditariedade, os casamentos consanguíneos teem importância se acaso qualquer dos cónjuges é já de si uma organização degenerada. São muitas as observações nêsse sentido e por isso entendi não dever desprezar o facto, se bem que isolado, mas impossível de deixar de citar em casos em que, como êste, andamos por conjecturas.

A ascendência humilde de Camilo, pelo que respeita aos parentes mais remotos, é em parte comprovada por alguns documentos que, como já disse, tive ocasião de vêr no arquivo do visconde de Sanches de Baêna. Para não omitir nenhum dado interessante que possa fazer ressaltar mais o meu propósito, devo dizer que alguns dos antepassados do escritor se acolheram à sombra da religião, ao que parece maltratados pelo mundo. «Muitos daqueles que procuram uma protecção e consolações refugiando-se na religião, diz Krafft-Ebing, são náufragos das tempestades da vida que, entrando no porto, *já veem alquebrados física e moralmente*».

É êste o caso do parente de Camilo João Correia Botelho, que vestiu o hábito, ao que parece impelido por uma grande desgraça. Isto se depreende das próprias palavras do romancista, referindo-se a êsse facto. «À portaria do mosteiro augustiniano, da Piedade, em Santarem, chegou em 1762 um homem na *flôr dos anos* a pedir o hábito. Mostrou pelos seus documentos chamar-se João Correia Botelho, e ser natural de Vila Real de Trás-os-Montes. Viera de longe, *propelido por uma grande catástrofe. A profissão era o acto final de uma tragédia que eu escreveria froixamente nesta minha idade glacial, se tivesse vida para urdir o romance intitulado «Os Brocas»*.

Duas irmãs do frade professaram também, em um mosteiro de Abrantes. Seria a mesma desgraça de família que as impeliu a buscarem refúgio na religião, ou haveria qualquer doentia tendência que a tal as propelisse?

No decorrer dos tempos, a família de Camilo vai melhorando de condições sociais. Seu avô, Domingos José Correia Botelho, bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, ocupou o cargo de juiz de fóra em Cascais. Não foi certamente de seu avô que o romancista herdou o talento literário. Domingos José Correia Botelho *era alcançadíssimo de inteligência*, como o próprio Camilo confessa. Parece mesmo ainda, segundo a versão do escritor, que a alcunha por que era conhecido derivava dêsse apoucamento intelectual. Em Coimbra lhe teriam posto a

alcunha de «Brocas», corrupção de *Broas*. «Entenderam os académicos, refere Camilo, que a rudeza do seu condiscípulo procedia do muito pão de milho que ele digerira na sua terra».

Parece averiguado que Domingos José Correia Botelho, sôbre ser estúpido, era excêntrico. Contam-se casos que provam esta asserção; o próprio escritor no-los refere. Se lhe mandavam um presente, não restituia a salva de prata em que o houvesse recebido. Mandou-lhe um lavrador o presente de uma vitela, acompanhada porém da vaca, para que não se desgarrasse. Domingos José Correia Botelho ficou com a vaca, dizendo que quem dava a filha dava a mãe. Estas excentricidades são estígmas de degenerescência. Em Vila Real, quando alguem ficava com um objecto que lhe confiavam, era costume dizer-se: «Aquele é como o dr. Brocas». Isto mesmo refere Camilo no *Amor de Perdição*.

Simão Botelho, tio paterno de Camilo, é o protagonista do romance *Amor de Perdição*. Sobejamente é conhecida a novela, uma das mais emotivas de Camilo, para que eu tenha de fazer realçar a figura doentia de Simão Botelho. Livro que move às lagrimas, o *Amor de Perdição* foi escrito durante a prisão de Camilo, nas cadeias da Relação, no Pôrto. Quer-me parecer que essa estada no cárcere, teria sôbre a mentalidade de Camilo uma séria influência. Mais tarde, voltando a falar do caso, darei as razões do que avanço. O certo é que êsse livro foi escrito sob uma funda impressão moral, que a reclusão deveria aumentar. O próprio Camilo acha-o *triste, sem*

interpelação de risos; sombrio e rematado por catástrofe de confranger... O assunto, posta mesmo de lado a emoção das horas em que foi escrito, à parte o amargor que lhe comunicou a sensibilidade do romancista, então muito vibrátil, é já de si tristemente ensombrado. Disse há pouco que a figura de Simão Botelho era uma figura doente e quero dar as razões da minha afirmativa. Aos dezoito anos de idade, Simão Botelho é condenado a degredo, pelo crime de homicídio. Mas já, de muito mais novo, o tio de Camilo mostrara um génio violento e irritável, com manifestas tendências impulsivas.

Recruta os seus companheiros entre gente de baixa estôfa e o seu passatempo consiste em provocar arruaças e desavenças. Parece que, influenciado por um amor violento, Simão Botelho recalca os seus instintos, deixando de entrar em rixas e de fender cabeças. Todavia, como êsse amor é contrariado, o arruaceiro Simão chega a praticar, em nome dêle, um homicídio, isso porque não soube reagir à impulsão que o levava a atravessar-se no caminho da mulher amada, em ocasião que outro qualquer teria reputado em extremo insensata. E, como quisesse o acaso que um parente da sua namorada o insultasse, Simão Botelho, sentindo que comsigo trazia uma pistola, desfechou-lha à queima roupa, na cabeça. [1]

---

[1] Fôsse assim, ou não, o que está averiguado é haver sido Simão Botelho um homicida, com manifestas e anteriores tendências destrutivas. *(Nota da presente edição).*

Esta vida acidentada desenvolve-se em curto tempo e, aos dezoito anos de idade, êsse rapaz, irmão de um homem que veio a morrer doido e tio de um degenerado-hereditário, parte para o degredo. Toda ela, afinal, foi uma longa série de delírios impulsivos. Não me parece que o facto apouque a novela de Camilo. Volto a dizer que o romance comove às lagrimas: é com efeito triste a vida dêsse pobre rapaz, porque é a vida de um doente, acorrentado às suas mórbidas impulsividades. Talvez deva diagnosticar-se de epileptica a figura de Simão Botêlho.

Segundo Camilo confessa numa carta dirigida ao visconde de Ouguela, a sua avó materna *morreu doida*. Duas tias, ainda, succumbiram dementadas.

Sou assim chegado ao pai do escritor. Mas antes devo dizer como incidente curioso que, pelo que respeita aos ascendentes mais próximos de Camilo, ao avô, ao pai e ao tio, as duas árvores genealógicas que citei não diferem essencialmente. Da árvore genealógica que o próprio romancista se atribui ressalta porém um facto curioso, de molde a valer a atenção daqueles que houvessem de julgar Camilo por essa outra ascendência. Numa nota ao romance *Amor de Perdição*, atribui o autor mais dois irmãos a Domingos José Correia Botêlho, seu avô. São êles: Marcos e Luis Botêlho. Ora êste Luis Botêlho, numa verdadeira impulsão mórbida, desfecha a clavina sôbre um homem com quem seu irmão tivera uma contenda e isto logo após o facto, sem que contra êsse homem o movessem ódios antigos. Era para êle um desconhe-

cido e o homicídio derivou duma verdadeira impulsão.

O pai de Camilo, modesto empregado do correio, em Vila Real, morreu doido.

Tal a família do mais fecundo romancista português, família em que havia a tradição da vesânia, no dizer de Sousa Martins. Não são muito ricos de bens os ascendentes de Camilo, mas ricos nas taras que transmitem aos seus descendentes. Camilo é um nevropata hereditário (Sousa Martins). A sua tara é pesada, e começa logo a revelar-se desde as primeiras idades.

Entre os parentes mais próximos, contam-se doidos, epilepticos, excêntricos. Esta família é um vasto quadro de patologia mental. E o caso não nos deve admirar, visto que os descendentes não são obrigados a herdar as mesmas nevroses dos ascendentes. Há a lei da transformação, que dá a explicação do facto. O que a ciência não póde por emquanto, segundo Kafft-Ebing, é estabelecer bem o mecanismo íntimo dêsse polimorfismo mórbido. Influências individuais, influências acidentais e mesológicas?

A vida de Camilo é a resultante de toda essa herança. Gastam os ricos os bens que herdam: os nevropatas hereditários *gastam a sua doença.* E se os primeiros muitas vezes se suicidam, desaparecido o último ceitil, os segundos também lançam mão de igual meio libertador, gasto o último apêgo à vida. Aos primeiros infundem-lhes medo as letras, aos segundos prostra-os o tédio da vida...

E, pela existência fóra, Camilo obedeceu às tendências mórbidas que nêle actuaram e que o levaram a procurar situações que já de si seriam de molde a tornar nevropata completo outro qualquer, que apenas fôsse levemente tarado. É o que vamos vêr.

III

«Aos dez anos levantou-se uma tempestade no seio da minha familia. Uma vaga levou meu pai à sepultura; outra atirou comigo de Lisboa, minha pátria, para um torrão agro e triste do norte; e outra...»

CAMILO CASTELO BRANCO — *Duas Horas de Leitura.*

A vida de Camilo é ensombrada por factos tristíssimos.

Aos nove anos de idade freqüentava primeiras letras em Lisboa, na rua dos Calafates, um rapazinho órfão da mãe, que não chegou a conhecer. Era Camilo essa criança, e a breve trecho teve de abandonar os estudos, chamado à Samardan pela morte do pai. «Tinha eu nove anos e era órfão», diz Camilo. Da sua temporã sensibilidade se póde já ajuizar pela impressão violenta que lhe causou a morte do pai. O próprio escritor chama *precoce* a essa maneira afinada de sentir. Dois factos a deduzir daqui.

Em primeiro lugar, a maneira de reagir, mais fortemente do que seria para esperar duma criança normal, aos nove anos de idade. E esta reacção afectiva exagerada é uma das características dos nevropatas, que, ou se quedam indiferentes perante as grandes catástrofes, ou requintam a essência da emoção. Em segundo lugar, temos a considerar uma causa de molde a ainda mais desequilibrar a vida nervosa do escritor. Ninguem nega valor, entre as causas ocasionais da degenerescência, às que são de origem psíquica. O elemento emotivo tem, principalmente, particular significação etiológica.

Às vezes, se já há uma predisposição mórbida acentuada e se o choque moral é violento e abrupto, o desequilíbrio póde desde logo acusar-se. Mas, na maioria dos casos, decorre sempre um certo espaço de tempo, mais ou menos longo, entre a emoção e a psicopatia. Nêsse estado de *fraqueza irritável* são muito mais para temer as excitações.

Morto o pai de Camilo, o romancista começa na Samardan uma vida *errante* e *excêntrica*. O seu prazer é andar pelos montes, só, de caçadeira ao ombro, saltando barrancos ou freqüentar as feiras e romarias e assistir às cenas rijas de bordoada, vulgares no norte do país em festas dêsse género. A educação tem uma grande influência sôbre Camilo, como sôbre outro qualquer nevropata. Essa vida livre, deve-lhe ter favorecido o desencadear de paixões desordenadas, de paixões e afeições sem freio. Camilo não reconhece o império de ninguem, entrega-se só

às contingências das suas impulsões. «Fugi de casa para a serra, diz êle nas *Duas horas de leitura*, dava muitos tiros às galinholas e perdizes». E, mais adiante: «O meu gosto era pascer o rebanho de casa por aqueles saudosos vales».

Mas a irmã de Camilo e o padre António de Azevedo, seu mentor, intentavam por vezes opôr-se a essa vida tão livre e excêntrica. O rapaz iludia-lhes a vigilância e, apesar dêles lhe esconderem a clavina e o polvorinho, pedia emprestados êsses objectos e fugia para a serra, «*sempre sòsinho, cismando sem saber em quê, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros*».

Cismando sem saber em quê! Um rapaz que não tem ideais, que não forma projectos, que não nutre esperanças. Um rapaz que evita o convívio e que se isola, nos montes, abstracto, sem saber ao certo o que quere, mergulhado na incerteza. Depois, a natureza é ali agreste e áspera e êsse tom geral do meio ainda mais deveria contribuir para alimentar o isolamento cismador. Com efeito, a aldeia da Samardan, *demora em Trás-os-Montes, na comarca de Vila-Real, sobranceira ao rio Côrrego, no desfiladeiro de uma serra sulcada de barrancos*.

Disse que o educador dêsse precoce pensador das serranias da Samardan era o padre António de Azevedo. Êste homem, a dar fé ao que o próprio discípulo dêle refere, era um fanático, delirante pela religião. Êsse delírio religioso ressalta da própria confissão de Camilo: o padre incomodava-se sôbre-ma-

neira, se acaso alguem lhe menoscabava factos da religião. Êle e o discípulo rezavam matinas, com luz artificial. Às vezes, como o futuro escritor dormisse no mesmo quarto do padre, acontecia-lhe acordar altas horas da noite e vê-lo, sentado na cama, rezando por contas. Liam juntos os *Anais da propagação da fé*. Como êle, sob a sua influência, Camilo tinha *confiança na intervenção de Deus em coisas humanas*. Outro facto, pelo qual se me torna psicològicamente suspeita a figura do padre António de Azevedo, deduzi o destas confissões de Camilo: o padre tinha uma memória infelicíssima, não conseguindo nunca chegar a decorar um sermão. A sua emotividade era igualmente anormal, visto que, no dizer do seu discípulo, o padre tinha sempre *nos olhos e nos lábios as lágrimas e os sorrisos do coração compadecido ou exultante*.

O padre, figura ao que parece doentia, exerceria sôbre o educando uma sugestão neurastenizante, [1] e essa *neurastenia a dois* teria grande influência no desencadear da nevrose de Camilo. Um facto análogo cita Sousa Martins para Antero de Quental. A influência, que suponho, julgo a comprovada na própria obra do escritor. As figuras de padres que aparecem nos seus romances são, por via de regra, figuras puras

[1] Quer por influência directa, quer por influência indirecta. Liga-se hoje grande importância a esta última em toda a acção educativa. (*Nota da presente edição*).

e suaves, ardentes na sua fé; e, pelo que respeita às próprias crenças de Camilo, antes da derrocada final, parecem firmar-se numa certa fé, *memória* sem dúvida dêsse antigo convívio. Ainda vinte e três anos depois, Camilo pedia ao padre que rogasse a Deus por êle.

Assim decorrem os primeiros tempos. Durante êles, a *forma circular* da sua emotividade se manifesta. Tem períodos de alegria, períodos de funda tristeza. *As tristezas são-lhe tão suaves como o próprio contentamento.* Acha as tristezas tão *doces* e *descansadas, que nenhum dos mais serenos contentamentos da juventude poderia competir com elas.*

Analisando os motivos que possam ter influido na nevropatia de Camilo, esquecia-me já citar um, não que eu lhe ligue grande alcance, mas porque a vontade de ser rigoroso nêste estudo assim o exige. Camilo teve, em novo, a varíola, cuja marca o tempo nunca conseguiu apagar. «Picado do talento e das bexigas», como notou Bordalo caricaturando o escritor. Ninguem nega hoje grande influência às doenças agudas febris como factores de alterações nervosas.

Estas podem, «*pela sua acção enfraquecedora e esgotante sôbre o cérebro, provocar uma predisposição às doenças psíquicas, e então as emoções, o «surménage» intelectual, o alcool e outros factores podem trazer a alienação mental.*» (Krafft-Ebing.)

Está nêste caso a varíola, se bem que o aparecimento de psicoses crónicas, seguidamente a essa doença, seja raro. Todavia, era meu dever citar o facto, para que me não argüissem de desconhecê-lo.

Durante os primeiros anos da vida, Camilo sente uma irresistível vontade de amar, como tendência a fazer convergir num sentimento único, grande e avassalador, todos êsses vagos estados dalma que circularmente o invadem. Pensa que só amando poderá apaziguar a incerteza que o mina. Não me parece que êle fôsse no amor um puro *cerebral anterior*, à semelhança de Antero. Todavia, como a sua vocação literária o levava a idealizar, Camilo gostava por certo de juntar à prática material do amor um pouco de idealização, às vezes apenas produto da sua imaginação criadora. Não é bem o amor, eter da alma, sentimento universal e imponderável, nem materializado nem ordenado no tempo, como o requere Ibsen.

Os amores com a camponêsa Luísa não lhe podem ter oferecido motivos de idealização. Que requintes de galanteio espiritual poderia oferecer lhe a pobre rapariga de Vilarinho de Samardan? Em 1841, Camilo casou com uma aldeã de S. Cosme de Gondomar, que dêle teve uma filha.

Factos que não estão de todo apurados e cuja discussão seria aqui mal cabida, obrigaram Camilo a separar-se da mulher e da filha, que mais tarde morreram. Se, porém, é certo que êle amava essa mulher e queria à filhinha, essa dupla morte deve por fôrça ter sido uma nova causa de psicose pela forte e inesperada emoção. Amor mais espiritual, êste idealizado, foi o que êle teve com uma outra senhora, sobrinha de um vigário e que Camilo vira num dia de romaria. Por essa senhora chorou e fez versos, visionando-a

em toda a parte, *no arrebol do horizonte e na estrela vésper*.

Espiritual também, *cerebral anterior*, ao que julgo, foi um outro dos seus amores. Chamava-se a mulher amada Maria e era camponêsa. Esta Maria do Adro era *tuberculosa, melancólica e taciturna*. Camilo, reparando no ar gentil que, mesmo apesar da doença, a distinguia, começou de amá-la e assim nasceu uma afeição espiritual, chegando Camilo a rezar com ela a Via-Sacra, na quaresma, no presbitério da aldeia.

Outras vezes, sentava-se com a namorada à sombra de um castanheiro, pela hora da sésta. *Nunca lhe disse que a amava*, confessa êle.

Gostava simplesmente daquele colóquio amoroso, na doce paz da natureza, não se importando que os vissem ou alguem se lhes aproximasse. Puro ideal. Mas a família entendeu dever intervir nêsses amores, e Camilo, irritado por não lhe deixarem dar largas à sua paixão, deliberou vir para Lisboa, por onde esteve sete meses, aos quinze anos, *mas fazendo loucuras dos trinta*. Na capital, porém, o irrequieto D. Juan qúasi esqueceu Maria, entregando-se a novos amores, à sombra dos quais a sua imaginação se entretem tecendo novos ideais, sob o esplendor do céu estrelado, nas noites calmas do Tejo. Mandava recados à namorada pelas andorinhas...

Tempos depois, quando Camilo voltou a Trás-os-Montes, soube que Maria do Adro tinha morrido vitimada pela tuberculose pulmonar. O abalo moral foi grande. Êle convivera muito com a rapariga e o

seu ânimo receoso de neurasténico deveria coadunar-se bem com a melancolia da camponêsa. Esta outra *neurastenia a dois*, deve talvez ter sido mais prejudicial que a primeira. Já disse que a emoção sofrida fôra rude. Camilo chegou a adoecer e o seu estado inspirou tão sérios cuidados, que êle pôde ouvir dizer ao padre seu educador, irmão do cunhado de Camilo:

«Diz minha cunhada que muitas pessoas desta família endoudeceram...»

Sôbre poucos homens, já de si desequilibrados psìquicamente, terão recaido tão fundas impressões morais. Isso poderosamente deve ter influido para ainda mais exacerbar o seu nervosismo. O próprio doente parecia suspeitar do facto, quando pergunta no seu livro *Duas horas de leitura:* «Estas impressões, no princípio da vida, não explicam a agonia de vidas mais dilatadas?»

Ainda assim, Camilo encontrava lenitivo às suas mágoas na fé. A influência do padre António de Azevedo manifestava-se sempre. Ao saber da morte de Maria do Adro, Camilo ergue as mãos para rezar pela sua memória e, chorando, dilui no pranto a amargura. Assim êle tivesse mais tarde podido fazer reviver a fé, quando lançou mão do revólver para se suicidar.

Camilo intentou depois obter um curso superior, sem que tivesse conseguido fazer valer esse propósito. Cito apenas o facto, muito de relance, porque ele constitui uma fase alegre da vida do nevropata, após a quadra triste dos primeiros anos. É a fórma

circular. No Pôrto, faz alguns exames, mas gasta mais tempo em rapaziadas; foge das aulas, de gatas; apanha *RR*. Nas vésperas de acto, em lugar de estudar o ponto, entretem-se fazendo versos às vezinhas, cantando ao som de uma viola chuleira.

O seu nome ficou ligado a uma das mais estrondosas brincadeiras de rapazes, que o Pôrto ainda viu. Foi um célebre simulacro de duelo, com um condiscípulo seu, brincadeira que deu brado e que fez rir a cidade.

De resto, êle nunca chegou a adquirir uma séria educação scientífica, o que comprova a nossa maneira de o encarar. Os degenerados superiores são talentosos a seu modo. O seu talento difícilmente pode disciplinar se; falta-lhes o poder de direcção, a perseverança do esfôrço.

«*Os successos científicos são refreados pelo esgôto rápido e pela incapacidade que deriva de não se poder pensar de uma maneira contínua e intensa. A inteligência é medíocre, ao lado de um talento notável e «exclusivo», chegando algumas vezes à genialidade parcial*». [1]

Essa imperfeita preparação científica fez incorrer Camilo, volvidos muitos anos, em verdadeiros deslates, como o de atribuir aos barómetros a avaliação das temperaturas e o de pôr a flutuar o cadáver de Simão Botelho, do *Amor de Perdição*, tendo poucas

---

[1] Krafft-Ebing, loc. cit.

linhas antes escrito que êle fôra lastrado com um pêso considerável.

Desordenado, o talento dos nevropatas não pode repartir-se equilibradamente por diversas ocupações. Está, por assim dizer, afinado num só sentido; em Camilo, a tendência literária absorvia em seu proveito toda a actividade mental, de sorte que êle teria sido incapaz de quaisquer estudos científicos. Daí o não haver completado um curso, o seu desamor ao estudo. No Pôrto, estudando, tinha inveja à vida das serras e via o sol com tristeza, no seu próprio dizer.

Em Coimbra, que êle também lá andou, os resultados não foram melhores, para mais que uma das vezes em que ali esteve os cursos fecharam, por motivo de órdem pública. De resto, Camilo parecia não estar descontente com a sua pouca ciência. Referindo-se a um amigo e condiscípulo diz: «Não queríamos implicar com sábios, nem para os invejar, nem para os detrair.» Ao escrever o seu primeiro drama *Agostinho de Ceuta*, Camilo confessa-se um *rapaz sem leitura, sem crítica...*

A forma circular da psicose segue o seu curso. À alegre fase académica, a êsse indiferentismo pelo futuro, segue-se um novo período de comoções de sinal opôsto, porque o amor volta a enleá-lo. Êste novo romance tem como protagonista Patrícia Emilía do Carmo, tendo dessas relações nascido uma filha. A família de Camilo, para evitar a nova ligação, conseguiu a prisão do escritor, quando êle tinha vinte e um anos de idade, ao mesmo tempo que ordenava

também a captura da amante, como raptadora de Camilo. Mas para que o escândalo fôsse mais avultado, declarava-se que Camilo era suspeito, bem como essa senhora, de terem cometido um furto. Mais tarde, Camilo repudiou tal acusação.

Pouco tempo durou, porém, a reclusão e, após ela, Camilo confessa que depressa esqueceu êsse episódio.

Julguei conveniente salientar todos êstes casos da mocidade agitada de Camilo, principalmente pelo que diz respeito aos seus amores. Vêem que, com leviandade, êle passava de uns amores para outros, esquecendo-os fàcilmente. Isto é ainda comprovativo da degenerescência psíquica de Camilo: não é tudo a prova de um *carácter inconstante, inquieto, instintivo e caprichoso?*

Do conhecimento desta vida irrequieta dos primeiros anos deduzem-se dados de valor em auxílio da minha tese. Durante a mocidade, o romancista não fez senão mostrar a *fraqueza do seu carácter e da sua vontade, manifestando-se por uma falta de firmeza moral e a incapacidade de ter uma vida ordenada.* Camilo, na sua mocidade, tem uma *inclinação permanente:* amar.

Esta mórbida psicologia ainda se manifestou por outro facto: em 1847, Camilo pensa no suicídio. É ainda a *inclinação permanente* do amor que lhe faz querer deixar a vida. Ponderou as circunstâncias do seu viver e concluiu que deveria sucumbir, porque a mulher amada acabara por desprezá-lo. Combinou o suicídio, para o qual escolhera vinte grãos de mor-

fina e, *uma hora antes do momento emprazado*, escrevia uma poesia. Um amigo, porém, vindo em seu auxílio, obstou a êsse intento.

Foi, pois, *uma tentativa de suicídio premeditado e bem combinado no decurso de alguns dias*, pelo menos. Veremos mais tarde a importância dêste facto. Mas, no decorrer da existência, Camilo sentiu, por vezes, o horror da vida, a *biofobia*, e pensou no suicídio. Segundo conta Sousa Martins, como incidente, na nosografia de Antero, Camilo, mesmo à sua vista, chegou a sacar do revólver cinco ou seis vezes, revólver que, *a meio caminho da cabeça, pendia da mão, paralisada pelo instinto da conservação*.

Por muitas vezes, portanto, se manifestou em Camilo, como eu próprio sei por pessoa que com êle conviveu e de quem o grande homem de letras foi verdadeiro amigo, a idea do suicídio. Mas como então ainda não estivesse de todo apagado o instincto da conservação, a luta entre a necessidade da morte e a necessidade da vida era, afinal, sempre em favor desta última. Continuando a doença a sua marcha, a *passos vacillantes*, como diria Sousa Martins, aumentando o *tedium vitae*, minada a consciência por um sentimento vital, síntese de dôres físicas e de dôres morais, o horror de viver suplantou, escorraçou o horror da morte. Camilo, como direi mais tarde, suicidou-se, obedecendo ao termo último da sua doença. Tinha-a gasto, a essa doença, e nessa altura a sua vontade já nada representava.

Coisa alguma faltou à mocidade de Camilo para

podermos asseverar o alto grau da sua psicopatia: as situações que êle buscava, movido por doentias tendências, ainda mais lhe desafinavam a emotividade. E depois, pela vida fóra, os casos repetem-se, a maré vae crescendo até que, por falta de dique potente, trasborda e afoga qualquer apêgo à vida.

Tais foram as suas *alegres e esplêndidas misérias dos vinte anos*, como êle próprio diz. Pois êsse mesmo tempo lhe chegou mais tarde a fazer saudades, como se depreende do seguinte verso de um soneto seu:

Que tempo! Que saudades! Que tolice!

E, após estas primeiras aventuras, Camilo entra num período que, de seguro, deve ter influido poderosamente sôbre a sua nevrose. Dos vinte e três para os vinte e quatro anos, isto é, de 1848 para 1849, Camilo, como todos os moços da sua geração, é empolgado pelo Romantismo. Eu não conheço escola literária mais fértil em figuras e manifestações doentias. No Romantismo, na maneira de ser e nas manifestações estéticas dos seus cultores há um fundo mórbido, excêntrico. Tendo passado talvez a melhor época da sua vida entre essa gente, tendo convivido com os mais puros românticos do Pôrto, em 1849, Camilo teve ensejo de conhecer figuras curiosas e originais, que mais tarde aproveitou para os seus romances.

Essa escola literária deverá, seguramente, ter influido na emotividade de Camilo. Com efeito, eu julgo o Romantismo, no seu início, uma reacção mórbida

contra o Classicismo. Literatura enfermiça nas suas figuras e nos seus processos, pelo menos na sua primeira fase de investida. Não sei que misteriosos atavismos nela recairam, latentes desde a idade-média; atavismos que não se procuram ocultar e que se batisaram até com o mesmo nome: chamaram-lhe a *renascença de 1830.*

Escola enfermiça nos seus princípios, que eram, no dizer de um dos mais notáveis românticos e estilistas da França: desenvolver livremente todos os caprichos, embora êles fôssem chocar o gôsto, as conveniências e os usos; odiar e reprimir tanto quanto possível o que Horácio chamava o profano vulgar, e que os *gaiatos* de barba e cabeleira chamavam tendeiros, filisteus ou burgueses; celebrar o amor com um ardor incendiário, propô-lo como fim único e meio único de felicidade; santificar e deificar a Arte, considerada como segundo Creador.

Ora, sendo o Romantismo uma reacção criada pela *fraqueza irritável* de alguns espritos anormais, é claro que anormais deveriam ser também os meios empregados para levar a cabo a reacção. E foram. Desenvolver livremente todos os caprichos, fôsse como fôsse, princípio êste que traduz uma alta degenerescência moral. Como se poderá exigir que os degenerados pensem e procedam de uma maneira lógica? Como pretender que êles possam respeitar as leis e os deveres sociais do meio em que vivem? Fazer tudo segundo o seu carácter caprichoso, contra leis e costumes, eis um dos princípios dêsse núcleo de

excêntricos de 1830, que na literatura foram chamados românticos. Meios de reacção bizarros e excêncêntricos, eis tudo. Exclusivismo de certas tendências, manifestado em factos diversíssimos.

Aponta-se como um sinal de degenerescência a *anomalia da personalidade, manifestando-se por feitios grotescos nas maneiras e no vestuário*. Bem grotescos foram, nas maneiras e no vestuário, aqueles demolidores de 1830. É qúasi do domínio de todos a decantada excentricidade dos trajes e das poses daquela época. Vestiam à Rubens e à Velasquez. Envolviam se em amplas, vistosas capas de côres; eram garridas as suas casacas, entre as quais sobresaía a clássica casaca azul com botões dourados; vestiam calças de tons berrantes, enxadrezadas em riscas coloridas; tinham como requinte de elegância ocultar o peitilho da camisa com gravatas espaventosas, enroladas em duas voltas. As cabeleiras de 1830 ficaram também como um símbolo do Romantismo, as longas, leoninas cabeleiras e, numa época em que era moda trazer a barba escrupulosamente escanhoada, os reaccionários românticos usavam-na comprida, o que, se hoje não é acto insólito, o foi naquele tempo, e grande. Teófilo Gautier, um dos mais exaltados, apareceu com um colete encarnado, côr da *muleta de um toureiro andaluz*, na noite da primeira representação do *Hernani*, naquela celebérrima noite de 25 de Fevereiro de 1830...

Escola enfermiça nos seus processos, que são meramente introspectivos Concepções fantasistas, inso-

fridos arrojos da imginação a que não falta por vezes o cunho alucinante, carácter meramente subjectivo das obras de Arte, ao contrário do Realismo, que induz as leis psicológicas e sociais do que a observação e a experiência lhe fornecem. É certo que, não obstante tanta anomalia, os românticos chegaram, em número limitado, a produzir trabalhos artísticos de valor, se bem que desintegrados da evolução filosófica da sua época.

É essa a razão por que a maior parte das produções artísticas do Romantismo teem um cunho excêntrico, anormal. Pelo lado da vontade, excitações intensas, mas esgotando-se depressa: daqui tanta actividade desaparecida ràpidamente, tanta obra encetada e nunca concluida. Em alguns escritores românticos, uma exuberante associação de ideas, que os faz parecer originais à primeira vista, mas que não resiste a uma análise mais funda.

O Romantismo é vasta galeria de escritores exaltados, dispersivos, fantasiosos. Vejamos o foco mais intenso dessa escola e analisemos, ràpidamente, algumas das figuras preeminentes do núcleo donde mais encarniçadamente partiu o grito de revolta. São da França, essas figuras.

Escolherei ao acaso. É Gerardo de Nerval. A sua *vagabundagem* levava-o a nunca estar parado em casa. Andava sempre, percorria Paris de um extremo ao outro, prestando-se a servir os amigos, oferecendo-lhes os seus serviços propositadamente, só para obedecer a essa tendência de vagamundo. Viveu andando.

Gerardo tinha a *claustrofobia:* fazia-lhe horror trabalhar no seu gabinete, entre quatro paredes e, se o tentasse, a inspiração mostrar se-ia rebelde. Era raro sentar-se, visitando os amigos: entrava dava duas ou três voltas pelo quarto, trocava as palavras necessárias e saía, obedecendo ao desejo de andar, de deambular sempre.

Essa *dromomania* levou-o a viajar muito, facto análogo ao que Sousa Martins cita para Antero. Viajou pela Alemanha, visitou o Cairo, a Síria, Constantinópla, o Oriente. Para se poder fazer uma idea do estímulo dessa forte tendência, basta citar um facto. Gerardo trabalhava andando, parando por vezes para escrever as suas ideas, os seus apontamentos, no caderno de papel que sempre o acompanhava ou para consultar um livro, que as algibeiras de Nerval andavam sempre pejadas de opúsculos, como as do Colline das *Scenas da vida de Boémia*, no dizer de Gautier. E Gerardo confessava que o seu prazer seria ter sempre deante de si uma longa tira de papel, que constantemente se estivesse desenrolando e sôbre a gual êle fôsse escrevendo as suas ideas. *Dêste modo, toda a sua obra teria ficado condensada numa só linha*.

Além disto era supersticioso, acreditava no *enguiço*. Um escaravelho que encontrou em uma das suas viagens, na estrada da Síria, e um mocho que o esteve fitando sôbre a ponte de um navio, por ocasião de uma travessia de Beyrouth para Saint-Jean-d'Acre, foram para êle de um terrível preságio, entenebrecen-

do-lhe o futuro. Esta figura, bondosamente doente, veio mais tarde a suicidar-se, enforcando-se, porque, ao que parece, Nerval tivera toda a vida atormentada por uma grande paixão.

E, nos útimos tempos, na derrocada da degenerescência, o pobre Gerardo cai na *concepção do feitiço*, no estudo das *cosmogonias* e das *teogonias*, no amor do *simbólico das ciências ocultas*. Era o transcendentalismo, o fantástico dos derradeiros paroxismos.

Petrus Borel era, semelhantemente, uma figura doentia. Rosto sério, rico em traços árabes, onde os olhos destacavam com uma luz brilhante e triste. Diz Teofilo Gautier que o melhor epíteto com que se poderia definir esse olhar, seria o de *exótico* ou *nostálgico*. Petrus era um dos que ousavam trazer crescida a barba, uma barba sedosa e basta, cuidadosamente tratada e perfumada. *Falava bem*, diz Gautier, *de uma maneira estranha e paradoxal*. Ora esta maneira de falar, era então muito vulgar entre os sectários da nova escola literária. Mas não era só a fala estranha e paradoxal, era ainda a fórma literária.

Impressiona o carácter hebefrénico destas manifestações; dir-se-ia tratar-se no caso de Petrus Borel de um doente sôbre cuja psicose se implantassem frondes da hebefrenia. O seu fundo melancólico comprova-o; a sua linguagem, exótica, *prudomesca*, corrobora a hipotese.

José Bouchardy, escritor do teatro e de comêço gravador, foi ainda um tipo suspeito, considerado à face da medicina. Tinha um estigma físico importante:

a *plagiocefalia*, como se póde deduzir das palavras de Teófilo Gautier, que mais uma vez cito e isto porque traçou o retrato físico e moral de cada um dos românticos de 1830, posto o não fizesse com intuitos iguais aos meus, mas apenas sob o ponto de vista literário. Diz êle de Bouchardy: *tinha uma cabeça exótica*. E, logo depois, declara que Bouchardy parecia pertencer à raça malásica. Combinando as duas declarações do biógrafo dos românticos, parece-me poder deduzir-se que Bouchardy tinha o crânio mal configurado: crânio largo e curto. Coloração geral de âmbar, cabelos negros e brilhantes, sobrancêlhas muito acentuadas, barba rara, esclerôticas amareladas: um tipo mongólico, numa palavra.

As obras teatrais de Bouchardy, são verdadeiras produções teratológicas. O seu normal poderia dizer-se que era o *fantástico* e o *caprichoso*, como Sousa Martins disse de Antero. Peças de uma arquitectura anormal, pesadas, arrastadas, abundantes em situações sobrenaturais, em que as personagens andam aos tombos, aparecendo e desaparecendo sem ninguem saber como, sacrificada a lógica teatral ao sabor caprichoso do autor. São peças de verdadeiro feitiço. A sua *maneira* póde resumir-se nestas palavras dum biógrafo de Bouchardy, quando teve de fazer-lhe a crítica de uma produção teatral. «Tu aqui! por que prodígio? mas tu morreste há dezoito mêses!» — «Silêncio! É um segredo que levarei comigo para o túmulo, responde a personagem interpelada. Esta explicação basta e a acção continúa».

Ninguem hoje pensaria representar o *Sineiro de São Paulo*, dramalhão que na época do Romantismo chegou a dar trezentas representações. Verdade seja que, volvidos muitos anos, o público de Paris ouviu durante mil representações um drama de Pierre Décourcelle, de uma textura qúasi tão fantástica.

Bouchardy, no declinar da vida, sofreu muito com o esquecimento a que o público e as emprêsas teatrais o tinham lançado. Depois, a morte de uma filha, acabou de prostrá-lo. Quer-me porém parecer que, apesar de tudo, êle continuaria a pensar, durante longas horas, na composição de dramas sobrenaturais, fazendo mover com a sua imaginação delirante a mecânica de um teatro puramente ideal, abrindo alçapões e portas falsas. Bouchardy viveu da fantasia até que a Morte, alçapão mais real do que os das suas peças, o enguliu com a sua obra.

Jehan du Seigneur, que teve nome na escultura, salienta-se, sob o ponto de vista médico, pelo prognatismo do maxilíar inferior, pelo ar tímido e mole, pela excentricidade que era seu apanágio. Assim, escrevia o seu nome próprio *Jehan*, intercalando um *h* entre o *e* e o *a*, para lhe dar um cunho mais original e mais medieval. E Seigneur tinha orgulho nessa simples letra, interposta às do seu nome. Igualmente bizarro na maneira de vestir-se: usava um gibão de veludo negro, talhado em ponta, envolvendo-lhe o torax como um arcabouço e sôbre o qual vestia uma jaqueta de largas abas de veludo.

Celestino Nanteuil, foi um pintor *pitoresco* e *co-*

lorista, dotado de um sentimento vivo do que se chamava então a idade-média, à falta de melhor expressão. O dr. José de Lacerda, no seu magnífico trabalho sôbre os neurasténicos, considera o degenerado como *uma interessante entidade desarmónica que vive — ao mesmo tempo — em diversas épocas passadas ou futuras, da sua espécie ou da série animal.*

Êste modo de poder encarar os degenerados, explica-me claramente Celestino Nanteuil.

Êle viveu embrenhado na idade-média, posto andasse pela terra no século dezanove. Êsse pintor, de dezanove anos de idade na época mais aúrea do Romantismo, sonhava com todo o esplendor da Idade-média, com as suas catedrais rendilhadas, com os seus retábulos tocados a ouro, com as suas vastas ogivas e os seus altos fustes, com as figuras ascéticas dos seus santos, com os acessórios sobrenaturais da sua pintura. Êle mesmo tinha uma figura loira e casta, medieval, uma figura *feminil, indecisa. Tinha a emoção e o pudor fáceis e ruborizava-se a meúde,* conta Teófilo Gautier. Anacrónico, afinal, contrafeito no século dezanove, metido na sua comprida sobrecasaca azul. A sua obra parece iluminada pelos reflexos irisados de um vitral da Idade-média.

Tipo singularíssimo é o de Frederico Chopin, que por essa época floresceu e que deixou um nome imorredouro como compositor. Chopin era de orígem polaca. Nêste, a mórbida psicólogia toma proporções importantes com a eclosão da tuberculose. Foi em

Maiorca, na companhia de George Sand, que Chopin se revelou um grande doente do espírito. Como habitassem um velho convento abandonado, Chopin tinha alucinações freqüentes, via fantasmas. Êsses estados pavorosos agravavam-se quando acontecia deixarem no só, em frente do piano, compondo, o que sucedia sempre que George Sand saia, acompanhada pelos filhos, visitando as ruinas do convento. Vinham encontrá-lo hirto e pálido, os cabelos em pé, alucinado, não reconhecendo ninguem. E êsse estado persistia, por momentes. Singularmente progrediu o mal com a chegada do inverno, porque Chopin reagia de uma maneira insólita contra as variantes atmosféricas. O caso é freqüente nos anormais.

Além disso, o sublime compositor sentia uma funda antipatia por Maiorca, pela sua natureza: outra reacção insólita, esta contra condições telúricas. Durante as apavorantes noites de inverno, em que as alucinações o acabrunhavam, às perversões visuais vinham juntar-se as auditivas. De uma vez, em que George Sand tinha demorado o seu regresso ao velho convento, porque uma chuva torrencial a colhera no caminho, veio encontrar Chopin num estado de excitação violenta, que serenou um pouco à vista das pessoas amigas. Referiu êle então que se tinha imaginado afogado num lago e que tinha sentido o ruído de gôtas de água, caíndo lhe pesadamente sôbre o peito. [1]

[1] George Sand, *Histoire de ma vie*. Tome deuxiéme, Paris, 1856.

George Sand fez-lhe porém vêr que esse ruïdo existia realmente e era devido a gôtas de água que caiam, compassadamente, sôbre o tecto da habitação. O músico negou tê-las ouvido. Essas alucinações auditivas devem ter sido freqüentes. Pelas salas espaçosas e solitárias da Cartuxa, parecia-lhe ouvir, algumas vezes, ressoar o cântico fúnebre dos padres.

Ora, durante essa época, Chopin foi de uma grande fertilidade na composição de obras primas musicais. Data de então a maior parte dos seus prelúdios. E as alucinações auditivas teriam grande influência na sua maneira musical. Daí o carácter dalguns dêsses trechos, bordados sôbre um tema sombrio, em que as notas se erguem, se combinam numa harmonia imprevista, dolente, vibrando como um gemido fúnebre, significando não sei que dilacerantes estados dalma, gamas alucinadas como as próprias concepções que as fizeram brotar e correr.

Sublimes alucinações! Prodigioso afinamento emotivo, tràgicamente belo, produzindo lágrimas de amargura e harmonias admiráveis! Mas, mesmo fóra dêsses trechos mais imprevistos, a feição geral da música de Chopin consiste no tom emocional de uma suave tristeza, de uma doce melancolia que se transfere sugestivamente à alma de quem a ouve.

E o carácter dessa música mantem-se em estreita lógica com os próprios estados da alma do compositor. Representa bem a maneira por que Chopin reagia às impressões do mundo exterior, o singular das suas concepções. «O seu génio, diz George Sand,

era impregnado pelas misteriosas harmonias da natureza, traduzidas por equivalentes sublimes no seu pensamento musical e não por uma repetição servil dos sons exteriores».

Chopin sentia mòrbidamente. No domínio das emoções, tinha uma fôrça viciada de reacção. Perante factos que deveriam arrastar uma emoção considerável, quedava-se indiferente e, às vezes, um pequeno incidente bastava para levantar um grande alvorôço psíquico. O trecho que segue, de George Sand, confirma o que avanço: «A profundeza das suas emoções não estava, pois, de nenhum modo em relação com as suas causas. Quanto à sua deplorável saüde, aceitava-a êle heroicamente nos seus perigos reais, atormentando-se pelo contrário com as suas alterações insignificantes. Isto é a história e o destino de todos os seres em quem o sistema nervoso se desenvolve em excesso». [1]

Ninguem, como Chopin, teve as simpatias e as antipatias tão fáceis e caprichosas, outro signal de doença psíquica. Amava alguem por qualquer coisa, fútil que fôsse, mas com a mesma facilidade aborrecia. As suas amizades eram feitas, alternadamente, de elogios e de censuras. Assim, tendo amado em princípio, devotadamente, os filhos da sua enfermeira dedicada, de George Sand, começou de aborrecê-los, de qúasi odiá-los, nos últimos tempos da amargurada

---

[1] George Sand, loc. cit.

vida. O mesmo pelo que diz respeito à própria Sand, a quem, no emtanto, êle tinha amado. Era doce e áspero, ao mesmo tempo. De uma vez, cortejando a filha de um grande músico, Chopin demudou o seu amor para uma radical antipatia só porque, visitando a rapariga em companhia de um outro músico, já também de nome, ela oferecera primeiro uma cadeira a êsse, por isso que com êle tinha menos intimidade.

Êle nem chegava a saber bem ao certo o que queria. O seu carácter inconstante manifestava-se a cada momento: tão depressa gostava, como aborrecia. Se estava em Paris, apetecia-lhe Nohant, mas uma vez aqui, era de novo Paris que o atraía. Inconstante também no amor: amava três mulheres na mesma noite e, recolhendo a casa, nem de uma só sequer se recordava. Era *timorato*, ainda. Duvidava de si mesmo, do seu próprio talento musical. Um trecho que compusesse era revisto, emendado, brunido um cem número de vezes e, por fim, Chopin acabava por escrevê lo tal qual tinha brotado no momento da inspiração.

Nos últimos tempos já, o maravilhoso compositor tinha uma fobia intensa: tinha o horror aos mortos, a *necrofobia*. De noite, tinha visões horríveis, e via angustiado os cadáveres do pai e do seu amigo o dr. Mathuzinski, e arrepelava-se querendo fugir ao seu contacto, e debatia se sob as suas mãos, enregeladas pelo frio da morte. A idea da sua própria morte o assustava, lhe dava amargos pensamentos: era a *tanatofobia*.

E assim, a doença ganhava terreno, a tuberculose minava-o: todavia, as visões continuaram até à derradeira hora. Eram fantasmas, entes sobrenaturais, cadáveres que êle via dançar e agitarem-se macabramente. Alucinações visuais, como antes tinham sido as auditivas, quando, pelas noites tenebrosas de Maiorca, as notas se agrupavam em trechos sublimes, girando, chocando-se em redemoinhos de fúnebre harmonia, dançando e agitando-se então, como dançavam e se agitavam agora os fantasmas das visões preagónicas... Tal um dos primeiros músicos românticos.

Berlioz também, com a sua *melancolia trágica*, parece-me um nevrótico. Se a *Sinfonia Fantástica* é, como se pretende, o esbôço da sua vida, há ali muito sonho, muita amargura, muita revolta, donde bem se pode depreender que era exaltada e excêntrica a sua psicologia. Êste, do mesmo modo, parecia *timorato*, duvidava do seu valor, fugia deante do público, temendo-o, tendo-lhe horror. Não seria a *antropofobia?* Assim, quando os amigos lhe diziam, vendo os espectadores: «Ora ainda bem, êles aí estão», Berlioz respondia com tristeza: «Sim, êles aí estão; mas eu é que me vou embora». Isto refere Teófilo Gautier. Sousa Martins diz que Berlioz foi *hiperacúsico*, isto é, tinha horror aos rüidos. Em Berlioz, a melancolia era entrecortada de arrebatamentos místicos, bem significados pelo trecho *A infância de Cristo*. O fim da sua vida foi amargurado e triste e, por fim, a morte de um filho acabou de prostrá-lo.

Nevrótico julgo ainda Alfredo de Musset, um

dos mais suaves poetas do Romantismo. Inconseqüente de vontade, não pôde no princípio da vida encontrar carreira certa: procurou a medicina, o direito, a pintura. Fraco de carácter, nunca soube refrear as suas tendências, nunca conseguiu ter uma vida regrada: por isso, envelheceu prematuramente. Um crítico diz a seu respeito: «A. de Musset resume as paixões e inquietações que no seu tempo perturbavam os espíritos: as suas obras, que se ressentem da imitação de Byron, oferecem uma mistura de ironia e de lirismo, de profundeza e de frivolidade.» Lamartine chamou-lhe o *poeta da mocidade*. No fim da vida, porém, ennervado pelos prazeres mundanos, Musset parece deixar se invadir por um certo desânimo, por uma aura de cepticismo. Sôbre a límpida alegria dos primeiros anos, adensa-se o negrume da melancolia e o poeta da mocidade, simbolizando bem os ímpetos audaciosos e o desdém das leis sociais, parece deixar-se embalar por vagas aspirações morais, das quais se evola a esperança em Deus.

Suponho bastarem estas figuras, para exemplo. De resto, haveria para encher um grande volume de observações curiosas, sob o ponto de vista médico, que o Romantismo é vasto manancial de figuras mórbidas. Mas isso seria tarefa que levaria muito tempo, e comportaria uma larga e cuidadosa investigação, se bem que o estudo dos nevróticos românticos se vá fazendo parcialmente. Ainda há pouco [1] se publicou

[1] 1898.

em França um volume intitulado *Nevrosés*, no qual se faz o estudo de alguns curiosos tipos de escritores: de Edgardo Poë, de Hoffmann, de Quincey, de G. de Nerval, se bem me lembro.

O Romantismo, tal como acabamos de o vêr, *heterocrónico*, aspirando a ideais mais puros que os da sua época, escola atormentada e nevrótica, obedeceu apenas à influência do meio, à decadência que o cercava. Quem melhor do que Taine para explicar essas tendências vagas e sonhadoras? Depois da revolução francesa, a liberdade dos costumes e das leis, criando livre prática e acesso a todas as ideas de progresso, morigerando, suavizando os costumes, impelindo a humanidade no caminho das novas conquistas da civilisação, fez com que o homem pudesse dispender toda a sua fôrça inventiva, toda a sua imaginação, arquitectando ideais políticos, religiosos, artísticos. Êsse excesso de actividade, posto em campo livremente, sem freio, cançou-se por fim, começou a corromper-se com as últimas regalias e civilisações que criava e a degenerescência da espécie tornou-se então sensível. A Psicologia adquiriu fóros de verdadeira ciência positiva, não já alicerçada sôbre as especulações dos filósofos, mas antes sôbre o estudo rigorosamente científico, baseado na obervação e na experiência. O homem deixou de ser um ente metafísico, passou a ser apenas um curioso exemplar de estudo, obedecendo, como tudo o que o cerca, a um só e universal princípio.

E os homens, já então doentes na sua maior parte,

sentindo-se subjugados pelas ciências positivas, irritaram-se com a sua fraqueza e procuraram reagir. Tornaram-se cepticos e sonhadores.

«A personagem reinante, diz Taine [1], quero dizer o homem que ocupa a cena e ao qual os espectadores dispensam mais interêsse e simpatia, é o ambicioso triste e sonhador, o René, o Fausto, o Werther, o Manfredo, o coração acabrunhado, vagamente inquieto e incuràvelmente desgraçado. Êle é desgraçado por duas razões. Em primeiro lugar, é muito sensível, vivamente apoquentado por pequenos males, sente muito a necessidade de sensações dôces e deliciosas, está muito acostumado ao bem-estar. Não teve a educação dos nossos antepassados, meio feudal, meio rústica, seu pai não lhe ralhou; no colégio não o castigaram; não se habituou a guardar respeitoso silêncio deante dos adultos; a disciplina doméstica não lhe refreou o despontar da vida; não o obrigaram, como nos antigos tempos, a servir-se dos braços e da espada, a viajar a cavalo, a dormir em maus leitos.

«Sob o ar môrno do bem-estar moderno e dos costumes sedentários, tornou-se delicado, nervoso, excitável, menos capaz de se acomodar à labuta da vida, que sempre impõe trabalho e sempre exige esfôrço. Em segundo lugar, o homem é ceptico. Nêste abalar da religião e da sociedade, nêste redemoinho de doutrinas, nesta erupção de novidades, a precocidade do pensar, à

---

[1] H. Taine, *Philosophie de l'Art*. Paris, 1872.

pressa instruido e depressa descuidado, precipita-o de muito novo e à aventura fóra do grande caminho que seus pais traçaram, que seus pais seguiram por hábito, sob a tutela da tradição e sob o ascendente da autoridade.»

E, logo depois:

«As suas curiosidades e as suas ambições, tornando-se sôbrehumanas, convergem para a verdade e felicidade absolutas. Nem o amor, nem a glória, nem a ciência, nem o poder, tais como nós os achamos nêste mundo, podem satisfazê-lo, e a intemperança de seus desejos, irritada pela insuficiência das suas conquistas e pelo nada dos seus gosos, deixa-o abatido sôbre as ruinas de si próprio, sem que a imaginação *surmenée*, gasta, impotente, possa representar-lhe *o além* por que êle anseia e o *não sei quê* que não tem. Êste mal foi chamado a doença do século: há quarenta anos que ela estava em toda a sua fôrça, e, sob a frieza aparente ou a impassibilidade morna do espírito positivo, ela subsiste ainda hoje.»

Parece-me que de um dêsses estados nasceu o Romantismo. Taine diz: ha quarenta anos que a doença do século estava em toda a sua fôrça. Ora a edição da *Filosofia da Arte*, da qual transcrevi os trechos acima, é de 1872: quarenta anos antes, isto é, em 1832 essa doença do século manifestava-se precisamente pelo Romantismo, entre outras reacções. Era a revolta, pelo lado da Arte.

E, reatando o fio do meu trabalho após um longo parêntese, volto a falar do grande Camilo. Eu disse

que a época do Romantismo português deveria necessàriamente ter influido na nevropatia do grande romancista nacional. E influiu pelos amigos que lhe criou, pelos gostos e predilecções que nêle desenvolveu.

Vejamos quais fôssem os amigos. Jorge Artur de Oliveira Pimentel *era um poeta de carácter sombrio*, no próprio dizer do seu amigo. Jorge Artur suicidou-se por amor, despenhando-se da ponte pênsil, na corrente turva do Douro. E, todavia, ainda na véspera Camilo o vira jogando plàcidamente, sorrindo *ao revez da sorte*, o que parece fazer sentir que a morte não assustava Jorge Artur. António Duarte Guimarães, o *mais irriquieto e alegre* entre os amigos de Camilo, segundo confissão dêste, veio a descambar em atáxico, por certo pagando dolorosamente a alegria irrequieta da sua estouvada mocidade. José Barbosa e Silva era um grande melancólico, vivendo sempre engolfado numa *imersão e tristeza profunda. Noite alta, a insónia travava-lhe da imaginação afogueada.* D. João de Azevedo, outro amigo do Romancista, parece ter sido um *lipemaníaco*, julgando-se perseguido em tudo e por todos, contando com um exagerado colorido as desventuras da sua vida. Essa luta constante, essa dúvida em que viveu, trouxe-lhe como seqüência uma *sobre-excitação moral*, à qual sucumbiu, por fim.

José Cardoso Vieira de Castro já em Coimbra déra brado pela impulsividade, sempre infrene através da sua triste vida, tràgicamente assinalada. José Augusto Pinto de Magalhães veio a morrer pelo

cérebro, depois de ter tido uma vida de amargura. *Cerebral anterior* o julgo no amor, visto que abandonou a esposa pelo facto de lhe serem entregues as cartas que essa senhora escrevera a outro, antes de conhecer Augusto de Magalhães. Bastava êsse facto para lhe manchar a honra, pensava êle; de resto, nunca teve contacto sexual com sua mulher como vingança de tal procedimento.

Assim foram alguns dos principais amigos de Camilo, os de que nêste momento me recordo. Dos traços psicológicos que aí ficam se depreende que a sua convivência não seria de molde a beneficiar a doentia mentalidade de Camilo. O meio social em que os nevropatas vivem tem uma alta significação etiológica. Sob o império da corrente romântica de 1849, caudalosa e desordenada, sob a influência do *contágio moral* dos seus amigos e contemporâneos, a nevropatia do escritor agravar se-ia muito.

O certo é que o romancista sofreu dos gostos e predilecções do seu tempo. Vestia como os *Saint-Preux*, tinha os hábitos dos *Saint-Preux*. Há quem se lembre tê-lo visto pelas ruas do Pôrto, vestindo calça clara, casaca azul de botões amarelos, chapéu alto de aba direita, ampla capa à espanhola, acompanhado sempre por um Terra-Nova, o *Neptuno*. Os seus hábitos eram, da mesma maneira, extravagantes e excêntricos. Adiante digo como durante essa época, Camilo, com a sua vida irregular, contribuiu para agravar o seu estado. Fica consignado assim mais um dos factores que, pela vida fóra, influiram no des-

venturado escritor. De resto, a época mostrou-se sombria para as letras portuguesas, visto que as principais figuras do Romantismo nacional foram tristemente vincadas. Lembro-me, agora, de Soares dos Passos, melancólico, sonhador, ansioso da felicidade do além túmulo; de Guilherme Braga, que procurava esquecer-se bebendo e que veio a morrer tuberculoso; de Pedro de Lima, o poeta dos *Ocasos*, que morreu doido; de Lobato Pires, outro poeta, igualmente morto nas trevas da loucura; de Guimarães Fonseca, um boémio alcoólico que morreu esfacelado; e de Lopes de Mendonça, o pontífice do folhetim, enlouquecido na freima de tudo saber, minado pelo delírio da grandeza literária.

Na etiologia do caso de Camilo devemos fazer intervir um outro factor importante: êste é representado pela própria obra literária do eminente polígrafo. Essa paixão literária poderosamente contribuiu para o esgotar: o *excesso da literatura*, como todos os excessos, tem essa funesta conseqüência. O cérebro cança-se, esgota-se e com tanta mais facilidade quanto mais predisposto está o indivíduo, por condições hereditárias. Nos tempos que precederam a derrocada psíquica de Camilo, nos pródromos do aniquilamento, a sua actividade intelectual produziu as melhores obras literárias do genial romancista. Quando lêmos a obra de Camilo, com todos os seus esplendores e os seus defeitos, com as suas lágrimas e os seus sorrisos, com as suas dôres e os seus bálsamos, o mesmo é que houvessemos às mãos o seu cérebro e lhe

estivessemos estudando a estrutura, ao microscópio.

Foi rica em dôres de alma, em *psiquialgias*, a vida de Camilo, como em grande parte já vimos. Mas não param ahi as angústias por que passou o autor do *Romance de um homem rico*. A sua estada no cárcere, a ajuizar pelas memórias que dela escreveu, deve ter sido fértil em violentas impressões morais. A prisão de Camilo representa um dos mais dramatizados trechos da sua existência, *gostosamente amarga*. Essa prisão foi-lhe ordenada, sendo parte Manuel Pinheiro Alves, com cuja esposa, D. Ana Augusta Plácido, Camilo, mantivera relações ilícitas. De todos os romances amorosos de Camilo, foi êste seguramente o mais intenso, o que maior soma de dôres de alma lhe acarretou: por êle foi arrastado ao cárcere, cuja deprimente atmosfera respirou por bastante tempo.

Após emoções violentas, após uma vibração intensa da sua alma, a prisão. Em poucos homens, predispostos para a vesânia, terão recaido condições tão de molde a promoverem a erupção da lava mórbida.

Causas predisponentes e causas ocasionais, nada faltou ao eminente escritor.

No cárcere, Camilo experimentou factores deprimentes. Em primeiro lugar, factores anti-higiénicos, uns comuns a todas as prisões, outros especiais e dependentes das condições particulares da cadeia onde o romancista esteve. Como factores comuns, a falta de ar puro, de suficiente insolação, de movi-

mento físico conveniente; como factores especiais, as condições higiénicas do quarto em que Camilo esteve, pouco salubre, ao que parece. O ar dêsse quarto atrofiava os botões de uma japoneira que lhe tinham dado, botões *que despegavam amarelecidos antes de desabotoarem*. Em segundo lugar, factores de órdem psíquica: o *desgôsto* e os *remorsos*. Custou a Camilo o habituar-se à idea do cárcere, visto que retardou o mais que pôde o acto de reclusão. Era o receio do escândalo, da malévola alegria que o acto iria causar aos seus inimigos, que não eram poucos, tudo isso junto à própria idea da clausura, que só por si basta a atormentar a alma de qualquer homem, para mais sendo doente, como a dêste.

Na prisão, o sistema nervoso de Camilo esteve constantemente galvanizado. Temos disso bastantes provas. Disse eu que o remorso o alanceou, e não o afirmo de ânimo leve. Remorso de ter inflingido, ainda que involuntàriamente, um grave desgôsto a um homem que nuuca se lhe tinha atravessado no caminho, ferindo-o, manchando-lhe a honra, arrastando-lhe o nome pelos tribunais. A quanto levam estas incongruentes paixões dos *homens instintivos*, devastando-os a êles e açoitando tudo em que tocam. Êsses remorsos fizeram-lhe, ainda volvidos bastantes anos, ter alucinações de mêdo. Camilo referiu a um seu dilecto amigo e discípulo que tinha por vezes visões estranhas, em que o vulto do marido ultrajado se erguia para o acusar, para o castigar. Por vezes, tinha a sensação de que êsse fantasma o havia às mãos,

pela gorja, e procurava estrangulá-lo. Não sei de remorso mais completo, com as alucinações clássicas, seguido de grande angústia, entre os períodos de maior repouso aparente.

A alma de Camilo afina-se então, as suas cordas tendem-se, repuxadas pelo infortúnio, isto antes dos últimos períodos, intensamente dramatizados, isto antes do drama final, rico de amarguras, de saudades, de dúvidas, de passagens dilacerantes, sucedendo-se qúasi ininterruptamente. Dir-se ia um instrumento que se afina, antes da execução de um trecho de Wagner. Como produto dessa tensão nervosa vem uma outra maneira de escrever, agora mais emotiva, muito pessoal e donde a saudade e o desalento se evolvem, enleando a alma de quem lê êsse sublime desgraçado.

O escritor, a partir de então, ou cristaliza um punhado de lágrimas e faz um romance, ou desfere os seus ressentimentos, a sua ansiedade, os seus secretos sofrimentos e, enlaçando-os, vibra-os de ricochete sôbre a hipocrisia e a maldade humana, despedaça, torna se um demónio, fulgurando os que tentam alvejá-lo no seu amor próprio. Foram escritos na prisão os seus dois romances: *Amor de Perdição* e *Romance de um homem rico*, entre outros. Mas cito êsses pela dolorosa psicologia que os anima, pela torturante e angustiosa trama.

O caso vulgar de Simão Botelho, que, escrito por um médico, daria uma nota nosológica apenas interessante, mas árida pela secura hipocrática da frase,

converteu o êle em drama emocionante, transferindo à alma de Simão Botelho a impetuosa paixão que êle próprio sentia e que mascara no presidiário a morbidez dos seus impulsos.

Pelas *Memórias do Cárcere* se vê em que constante vibração emotiva decorreu a vida de Camilo na cadeia. Depois, durante êsse tempo, as emoções ainda em parte derivam das muitas calúnias que tentam alvejá lo, sentindo-o os seus detractores manietado pelas algemas sociais. E êsse eretismo afectivo, não o deixava sequer dormir de um sono reparador. Era um sono leve, fatigante.

Outra dôr de alma, intensa e dilacerante, causou-lha a cegueira. Sousa Martins, na nosografia de Antero, comparando Camilo a Júlio Cesar Machado, diz a respeito do primeiro: «Em Camilo havia, porém, mais do que a amaurose. Esta, determinada pela atrofia dos nervos ópticos, era apenas a expressão periférica duma esclerose mielencefálica, que em tantos casos leva à loucura moral...» Mais tarde tornarei a falar dêste assunto, que agora estou encarando sob um outro ponto de vista. Foi durante o tempo da prisão que Camilo sentiu os pródromos da cegueira. Depois, sucessivamente, esta vai progredindo, a luz vai faltando, a visão começa a toldar-se de trevas, em que a alma atribulada do grande escritor se debate angustiada. E era então que as perturbações psíquicas iam progredindo, caminhando desastradamente para a catástrofe final. Era então que êle, o pobre Camilo, tinha maior necessidade de luz, de luz

VI

Quando te pedi eu a vida, ó Creador?

Camilo Castelo Branco — *Livro de Consolação.*

A doença de Camilo, segundo os factos colhidos da sua ascendência e das manifestações da sua vida, foi a *neurastenia vesânica*. Sou levado a êste diagnóstico pela etiologia que, sôbre o caso, pude apurar e pelos sintomas que o grande romancista apresentou pela vida adeante.

Assim, Camilo, como Antero, teve a *dispepsia*, teve as *dôres*, as *insónias*, algumas *fobias*, as *desigualdades da vontade* e do *carácter* e outras *irregularidades psíquicas*.

Não me oferece dúvidas o caso, quanto à dispepsia. De resto, se alguma dúvida me ficára, a confissão do próprio escritor acabaria por fazê-la desaparecer. Na *Maria da Fonte*, encontro esta passagem: «Eu vim daí, de cólica em cólica intestinal, até esta ruina gástrica que sou hoje». Êste *hoje*, refere-

se a 1885. Considerava-se então Camilo uma *ruina gástrica:* todo êle era já então, afinal, uma ruina... grandiosa.

Ninguem hoje pode pôr em dúvida a estreita relação que existe entre a neurastenia e as dispepsias. Bouchard fê-la salientar, com todo o pêso da sua autoridade profissional. Todavia, as coisas teem sido levadas mais longe do que necessário seria, a ponto que alguns entenderam dever fazer representar à dispepsia um papel preponderante na etiologia das neurastenias. É preciso, porém, não exagerar essa maneira de vêr e não confundir uma questão de causa com uma questão de efeito. Nem todo o dispéptico é forçosamente um neurasténico. Eu sei que as funções digestivas, por qualquer fórma viciadas, pervertendo a nutrição, pervertem as funções nervosas. Já Trousseau tinha reparado nessa sinergia mórbida. Mas pretender que perturbações, muitas vezes passageiras, possam ir até à neurastenia, isso por fórma alguma. O contrário sim, que é freqüente: a neurastenia tendo, como sintoma, afecções digestivas.

A dispepsia deve ter tido sôbre Camilo uma perniciosa influência, como sôbre outro qualquer neurasténico. Os doentes nervosos, que são gástricos, a cada momento estão sendo envenenados pelos produtos pútridos que lhes passam para o sangue e que são gerados pela viciada actividade química do estômago. É um envenenamento lento, mas nem por isso menos prejudicial nas suas conseqüências. Depois, as

dispepsias criam sempre um certo estado de anemia, porque a nutrição cai abaixo do tom normal. Cada órgão começa a ressentir-se dessa fraqueza geral, desempenhando mal as suas funções. E o cérebro não escapa a essa *astenia*. Êstes factos estão fóra de dúvida e, sob a sua influência, muitos clínicos entendem que nas nevroses se requere sempre um exame minucioso do aparelho digestivo e do seu quimismo.

Camilo, pela sua vida irregular, deve ter contribuido poderosamente para o agravamento da sua dispepsia. Êle mesmo a refere à época mais tumultuosa da sua vida. Quando, em 1849, o romancista convivia com os estroinas e narcisos portuenses, é que a dispepsia se deve ter originado ou agravado. Essas figuras dos Saint-Preux, produtos puramente mundanos do Romantísmo, foram perdulários nos excessos *in Baccho et Venere*. Estavam então em moda as fartas comesanas, por todas as tascas da cidade. A propósito de qualquer coisa se organizava um jantar ou uma ceia. Era uma verdadeira *bolimia*... romanesca.

Referindo se a um amigo, conta o escritor: «Às vezes apeavamos dos nossos fouveiros à porta das tavernas donde vaporavam chanfanas predilectas, e digeríamos com as estrofes da *Lira poética* as colladas rescendentes de colorau». Fazendo a digestão penosa e difícil de piteus apimentados, regados copiosamente com o *verdasco*, aqueles portequesíssimos janotas, entre os quais predominavam os clássicos morgados, crapulosos e ricos, sentiam-se mais

dispostos às tiradas rétor!cas, mais sensibilizados: discursava se com a lágrima ao canto do olho, citando Victor Hugo e Lamartine. O português sempre foi comilão; para êle não há festa sem farta comesana Come-se à regalona porque fulano faz annos, porque entrou na polítíca, porque partiu, porque chegou...

Camilo entrava em todas essas patuscadas, com o dos seus próprios escritos se depreende. Daí o agravamento da sua dispepsia, que até ao termo da vida o molestou.

Insónias teve-as Camilo, torturantes como ninguem. E, como a obra do brilhante prosador é a imagem da sua própria existência, é nela que vamos encontrar a prova de que Camilo sofreu êsse sintoma de neurastenia. As *Noites de insónia* representam muito martírio; naqueles volumes, cada página significa mais um passo para a calamidade final: são o produto de longas horas roubadas ao sono a um cérebro que tanto dêle carecia.. Cada *noite de insónia* representava mais uma dilaceração da alma, riscada pelas garras da Morte. No prólogo a essa sua obra, diz Camilo: «Ambas as espécies pertencem às minhas noites de insónia. Nesta deplorável enfermidade, que há seis anos me estila no cérebro gota a gota a peçonha da morte, achei traça de me vingar do acaso que embala o regalado dormir do meu cão, e me estrondeia nos ouvidos o marulhar das vagas entre penhascos. Vou ao jazigo das minhas ilusões, exumo os esqueletos, visto-os de truões, de príncipes, de desembargadores, de meninas poéticas, à seme-

lhança das que eu vi quando a poesia era o aroma dos seus altares. Visto-me eu também das côres prismáticas dos vinte anos, aperto a alma com as garras da saudade até que ela chore abraçada ao que foi. E, depois, nêste festim de mortos, conversamos todos: e eu, *no alto silêncio da noite*, escrevo as nossas palestras. Às vezes, entre muitos estridores que me ressoam nos ouvidos, o mais distinto é o dobre a finados. É quando a aurora reponta: a *luz espanca as imagens cujo meio de vida é a treva e o silêncio*.

«Venho então sentar-me a esta banca, dou fórmas dramáticas ao diálogo dos meus fantasmas, e convenço-me de que pertenço bem aos vivos, ao meu século, ao balcão social, à indústria, *mandando vender a Ernesto Chardron as minhas insónias*.»

Angustiosas noites deveriam ser essas. No silêncio opaco da noite, ouvindo o respirar forte do cão adormecido, Camilo sentava-se à banca para escrever e, sob o império da insónia, a representação rediviva do passado empolgava-lhe a consciência, do passado turbulento da sua mocidade, onde os vultos se erguiam e agitavam como fantasmas, ao som do dobre plangente de finados. Noites horríveis essas, comparáveis àquelas em que Chopin, hirto e pálido em frente do piano, compunha os seus prelúdios, onde a dôr é a trama essencial, como na obra camiliana.

A emotividade foi também mórbida em Camilo, o que é um sintoma ainda da sua neurastenia vesânica. Demonstram-no as suas *fobias*, encadeadas de uma

maneira gradualmente crescente. Parece-me que Camilo principiaria por ter a *monofobia*, isto é, o horror a estar sòzinho. Isso o impelia a buscar constantemente uma companhia, quer fôsse homem ou mulher, de preferência mulher, que Camilo não foi *misógino*. Até o seu cão, o seu *Neptuno*, lhe servia para o acompanhar, para lhe afugentar o receio de se vêr só. Durante as noites de insónia, o cão, dormindo, bastava a acompanhá lo. Além disso, o alancear constante da alma, pelos embates ásperos da vida, fez-lhe ter horror aos homens, a *antropofobia*. Para lhes fugir, para furtar-se às contusões da sua maldade, Camilo refugiou-se na solidão de S. Miguel de Seide. Só aí êle se considerava em segurança, podendo livremente entregar-se às saudosas recordações do passado.

«A casa onde vivo, diz êle no *Amor de Salvação*, rodeiam-na pinhais gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas.» Nêsse isolamento podia entregar-se livremente à tarefa literária e, com efeito, essa foi a época em que mais afadigadamente trabalhou.

Mas, por um facto tão freqüente nos pobres neurasténicos, Camilo não podia isolar-se, tanto quanto queria, do convívio dos homens, visto que era obrigado a *vagabundear*, a não permanecer por muito tempo no mesmo local. Andava em jornada constante: de Seide para a Póvoa, para Famalicão, para o Pôrto, para Lisboa, para Bemfica... E, até em Lisboa, era um mudar incessante de casa e de hotel. Não estava bem em parte alguma, e assim vivia, nesta

ância permanente, em busca de uma terra onde, por fim, encontrasse o almejado descanso. Tristíssimo engano.

Nos últimos tempos, no prelúdio da castástrofe, Camilo cai no horror de tudo, na *pantofobia*, incluido o horror da própria vida, a *biofobia*. É cheia de incerteza a sua preagonia. Uma vezes crê, outras descrê. Umas vezes pensa em Deus, no bálsamo que a sua infinita misericórdia póde fazer descer sôbre as humanas dôres... De duas cartas que êle, em 1888, escreveu ao padre Sebastião Leite de Vasconcelos, se deduz esta asserção. Numa dessas cartas, confessa-se tão agradecido, *como se a Virgem do céu lhe houvesse restituido a luz dos olhos, quási de todo extinta*. E, noutro período: *Eu tenho muita confiança nas suas preces, acompanhadas da voz inocente dos seus filhos adoptivos, cuja alma v. ex.ª regenerou*. A carta termina dizendo: *Se Deus me permitir ainda a cura dêste fatal padecimento, irei beijar-lhe a mão e ajoelhar a seu lado, diante do Deus misericordioso; mas se as trevas teem de ser eternas, peça v. ex.ª a Deus que me ilumine a alma com a paciência e a conformidade.*

Nêsses momentos tem, pois, confiança na misericordia divina, até manifestada por alguns dos seus escritos e factos da sua vida. É a influência do padre António de Azevedo, ressurgindo por vezes nas vicissitudes da sua amargurada existência. Em nome dessa fé, intentou Camilo seguir a vida eclesiástica, pelo que chegou a freqüentar as aulas do Seminário

do Pôrto. O autor da *Divindade de Jesus*, o enérgico caudilho da fé, que escreveu artigos de combate para o periódico o *Cristianismo*, procurou a vida eclesiástica, porque *o aperto da dôr lhe espertou a memória das orações da infância.* Mas a marcha cíclica da degenerescência venceu o apêgo às coisas divinas, e Camilo, abandonando êsse propósito, voltou ao mundo, onde novamente o chamavam as suas tendências indefinidas de neurasténico.

Mas teve também períodos de uma profunda descrença, para em tudo revelar a *alternância* do seu mal. A pantofobia leva-o a atacar a religião, a pôr em dúvida o poder do Criador, fonte perene da Vida... A vida é uma dádiva do Criador, mas uma dádiva egoista, porque, depois de haver colocado os homens no mundo, abandona-os, entrega-os livremente às suas paixões e às suas lutas, dando lhes como prémio de consolação o suicídio. Teem um modo de crêr ou de descrêr especial, os vesânicos. Nas *Horas de luta*, diz: «A vida dos desgracados irremediáveis seria um pérfido escárneo do Criador, se o suicídio lhe fôsse defeso.» Depois, noutro ponto: «Se a alma do suicida pudesse subir à presença de Deus, a divina Magestade esconderia a face envergonhada ou condoida da sua obra, porque o suicída lhe diria como Job: «Porque me tiraste do ventre materno ?» *Quare de vulva aduxisti me ?*».

Essa descrença levou-o a dedilhar cepticamente a sua lira, produzindo a *Harpa do Ceptico*. Em nome dela ainda negava o findar de todas as amar-

guras no além-túmulo, a paz consoladora do sono eterno... Nas *Quatro Horas Inocentes*, lê-se esta passagem: «Defronte de mim estava em pé um ancião que se quedava fixo nos meus olhos e dizia:

«—Estão no céu.

«No céu!

«Na leira denegrida de sangue pútrido é que êles estavam».

Ainda assim, até um certo ponto, Camilo procurava alívios na paciência. Era o último recurso:

> É certo que as desgraças são enormes:
> Mas tu, Deus abscóndito, não dormes,
> Quando eu te invoco a divinal clemência.
> Ao dar-me as penas com que me torturas
> Um tesouro me deste de venturas;
> Chama-se êste tesouro a *Paciência.*

A derrocada era, porém, inevitável, e a *paciência* não pôde bastar para refrear a biofobia: de que servia então já a vontade? Numa carta dirigida ao padre Sena Freitas [1], diz Camilo: «Algum tempo, achei certo *confôrto passageiro* nas teorias teológicas: tinha a pretensão de imaginar que Deus me via nas minhas tristezas, e o descôco blasfemo de o considerar impassível quando as tristezas derivavam a angústias. *Andava nestas esperanças e desesperanças e vivia melhor.* Agora não, meu caro

---

[1] Padre Senna Freitas, *Perfil de Camilo Castelo Branco*, edição definitiva. S. Paulo, 1887.

amigo. Tenho dentro de mim o quer que seja que vale três Comtes, *e me esfriou num mar glacial de positivismo.* Pude apenas salvar o *humour*, essa îada bemdita que me urde as chalaças e me depara os Conceiçoẽs...»

Pobre Camilo! Êle nem sabia ao certo quais as suas ideas. Adejava em torno da fé, umas vezes, outras se afastava dela propelido para uma profunda descrença. *Alternante*, até ao termo último.

Outro horror posso citar em Camilo. Era o horror à musica. Todavia, êle tinha a noção bem definida do ritmo, visto que versejava com rigorosa medida Parece-me ser êste um caso semelhante ao que Sousa Martins cita com respeito a Antero, só que a observação do Mestre se refere à pintura. Assim, Antero tinha bem a *noção das fórmas e das linhas, com a qúasi atrofia da noção da côr.* Camilo tinha a noção do rítmo e da harmonia, com a qúasi atrofia do sentimento musical, que é a côr da música, *Não gostava de música:* a única que admitia era o choradinho, gemido plangentemente numa banza. Sousa Martins diz que é caracterísco da degenerescência esta *exaltação de umas qualidades sensoriais à custa do amesquinhamento de outras.* Assim deve ser. Victor Hugo fazia versos de um rítmo perfeito e, amando a harmonia do verso, detestava a harmonia musical. Estando em Guernesey, o grande Hugo trabalhava uma noite, no segundo andar de sua casa. Em baixo, no primeiro andar, uma pessoa da família entretinha-se tocando piano. O facto incomodou-o

sôbremaneira. Altas horas, quando toda a gente da casa dormia, Victor Hugo foi-se ao piano e escangalhou-o, pela simples razão de que o pobre instrumento *fazia música*.

Outro sintoma de neurastenia teve Camilo: a desegualdade do carácter e da vontade.

Muitas vezes a *indecisão* veio tolher os seus propósitos. Queria agora uma coisa, mas logo deixava de a querer. O seu carácter foi em extremo volúvel e variável como o prova a sua maneira de amar, passando fàcilmente de um amor para outro. Indeciso e variável foi nas suas crenças, acreditando por vezes na infinita grandeza de um Criador, por vezes descrendo amarguradamente, à fôrça de vêr a indiferença dêsse Criador perante os duros transes da sua vida. Variável nas suas simpatias e antipatias, como o provam dois exemplos que, nêste momento, me ocorrem: as suas amaríssimas polémicas com Túlio e Silva Pinto, ao depois convertidas em cordial simpatia, no rodar dos tempos. Desegual no seu modo de encarar a morte, cujo receio o preocupou durante mais de trinta anos, e cuja realidade aceitou por fim, valendo-se dela como meio salvador. Doente me parece ter sido ainda o seu carácter, pelo que diz respeito à sua *maneira* de polemista. A polémica de Camilo era contundente.

Há muito azedume nessa polémica, porque Camilo amava a *polémica na fase emotiva das personalidades e das referências pròpriamente individuais*, como vimos que a seu respeito diz um dos

maiores talentos da medicina portuguesa contemporânea [1]. É nessa polémica virulenta que melhor podemos reconhecer todo o seu pessimismo, a sua antropofobia, que o levava a atacar os seus antagonistas pelos pontos mais vulneráveis do orgulho e da dignidade humana.

Outro sintoma de neurastenia encontro em Camilo: as dôres [2]. Os pobres neurasténicos são martirizados com dôres diversas, localizadas em pontos vários. Uma, muito freqüente, é a *cefalêa*, e essa sofreu-a Camilo. Não é uma dôr bem definida, aplicada a uma só região da cabeça. É antes uma sensação vaga, indefinida, um atordoamento, como se a dôr estivesse suspensa, pairando, à procura de um ponto em que possa cair e localizar-se... Quem conviveu mais ou menos com Camilo sabe que o grande romancista sofreu por vezes essa insidosa *cefalêa*, tão intensa em certos casos, que chega a levar ao suicídio. Das outras dôres, freqüentes em tais casos, a *raquialgia* e a *cocidínia*, não sei que as tivesse, mas a primeira basta a amargurar uma existência.

Tal é o que eu pude colher, como mais preciso, pelo que toca aos sintomas de neurastenia apresentados pelo solitário de Seide. Julgo, porém, serem bastantes e de alta significação nosológica. Interessante seria poder eu agora acrescentar a esta observação

---

[1] Dr. Júlio de Matos.

[2] Pelo que adeante direi, essas dôres reconheceram mais tarde uma outra causa e revestiram o carácter fulgurante.

a descrição física de Camilo. Com a enumeração dos estígmas físicos da degenerescência o quadro nosológico ficaria mais completo, mais rigorosamente científico. Todavia falham-me todos os recursos, quando tento completar a minha observação sob êsse ponto de vista. Nem na sua obra, nem nos seus biógrafos, encontro dados interessantes a mencionar. Faz pena vêr como um homem, tão singularmente superior, com uma vida tão tràgicamente acidentada, foi mal estudado em vida, como se a sua figura não chamasse sôbre si as atenções e não merecesse um grande interêsse médico. Verdade seja que poucos em medicina se entreteem com estudos similares: a coisa redunda um pouco para a literatura, que tantas vezes enjôa aos homens de ciência. Apenas um ou outro *diletante* gostosamente empreende congéneres assuntos.

O fim da vida de Camilo, a sua descendência, tudo vem em auxílio do diagnóstico feito. Falei na descendência. Singularîssima é ela e comprovativa de uma alta degenerescência que, desde longos anos, vinha corroendo uma família, gradualmente crescendo, firmando a tradição da vesânia, indo procurar à psiquiatria as insígnias do seu brazão. Assim, Jorge Castelo Branco, o filho mais velho de Camilo, é lídimo produto de uma estirpe degenerada.

Jorge Castelo Branco é filho adulterino e gerado em condições morais muito irregulares. Foi sempre um fraco e, na infância, teve ataques de epilepsia, praticando desde muito cedo o onanismo. Nunca con-

seguiu fixar a sua atenção em estudos sérios e regulares, obtendo apenas uma acanhada ilustração.

Durante a mocidade, continuou praticando *excessos de onanismo, bebia espirituosos em altas dóses, sofreu de um delírio religioso e teve, por vezes, impulsos homicidas, tentando contra a existência do próprio pai.* Antes da sua entrada para um hospício de alienados, no Pôrto [1], o doente, ao que pude colher, apresentava-se num grande estado de abatimento físico: magro, pálido, busto encurvado, linguagem fraca na emissão, tendo um tremor generalizado e uma grande expressão de timidez e de desconfiança. Incoerência muito acentuada por vezes, memória enfraquecida, atenção instável, nada compreensão do lugar ou da sua situação. Perversão dos sentimentos morais: fala da família com indiferença ou ódio. Tinha registado nos últimos tempos agitações grandes, conseqüencia directa, muito provàvelmente, de extremos abusos alcoólicos a que o doente se entregava e de que são sintomas o estado saburroso da língua e o trémulo generalizado, extenso e muito apreciável. Os hábitos de masturbação que o doente havia manifestado desde a infância, tinham contribuido muito para explicar o abatimento orgânico, a expressão de timidez que lhe era característica e em parte, pelo menos, o tremor observado [2].

---

[1] Hospital do Conde de Ferreira, onde entrou em 1886.

[2] Indicações fornecidas pelo falecido professor Dr. Júlio de Matos.

A admissão de Jorge no Hospital do Conde de Ferreira fôra promovida pelo seguinte atestado do Dr. Ricardo Jorge:

«O abaixo assinado atesta e jura que Jorge Castelo Branco, idade 23 anos, solteiro, filho de D. Ana Plácido, sofre de alienação mental, pela qual julga ser necessária a sua internação num hospital apropriado. A doença cuja aparição ascende à infância, tem tido fases diversas, segundo se depreende da narração das pessoas de família. A mãe desde sempre lhe notou sinais de pouca sanidade mental. Aos 4 anos observaram que procurava masturbar-se de diferentes modos. Quatro anos depois foi atacado de epilepsia atribuida à ténia.

«Dos 10 aos 14 anos passou pos uma exacerbação mística notável, entregando-se a assíduas práticas religiosas, chegando a cingir-se de cilícios; depois passou a um absoluto indiferentismo em tal matéria.

«Aprendeu a lêr e a escrever e chegou mesmo a iniciar os estudos preparatórios que não pôde prosseguir por falta de capacidade, sendo para notar que sòzinho em casa adquiriu rasoáveis conhecimentos de língua latina, entregando se também ao desenho com certa habilidade.

«A masturbação continua; há o abuso do tabaco e especialmente do alcool. Esta dipsomania é irresistível. Nêstes últimos tempos tem tido períodos de agitação durante os quais tem lançado fogo, tentado contra a vida dum vezinho, insultado e batido pessoas de família, criados, etc. O pai, homem de talento, é

um nevropata e um sifilítico. O avô paterno foi um alienado, assim como dois tios. Eis as informações mais úteis que posso apresentar, das quais deduzo que o doente pode ser classificado no grupo dos degenerados hereditários, de que me parece ser um declarado (?) exemplar. — Pôrto, 2 de Agosto de 1886. — (a) *Ricardo de Almeida Jorge.* [1]

Não parece que o pobre Jorge Castelo Branco, nêsse profundo estado de debilidade mental, vae resvalando para a loucura moral? Ele é, tal qual o acabo de descrever, um legítimo sucessor do pai, um produto lógico de viciações psíquicas ancestrais, atestando a malignidade da herança paterna.

Um outro filho de Camilo, Nuno Castelo Branco, foi também um organismo doente. Teve uma vida acidentada, errante, dissipadora e veio por fim a morrer tuberculoso, tendo sido ainda um alcoólico. Descendência digna de um grande degenerado.

O final da vida de Camilo foi horrorosamente amargurado. Entre os factores mais importantes, que ainda o vieram alancear posso citar a doença de seu filho Jorge e a cegueira. A respeito da primeira escrevia êle numa carta dirigida a um amigo: «A demência do meu adorado Jorge levou-me a um estado de desesperação de tudo em que a fé se ampara e com que as enormes desgraças se vão iluminando até que a morte nos venha dar o único alívio que é

---

[1] *Camilo e os Médicos*, pag. 516-517.

dado esperar.» Com efeito, a demência do filho causou-lhe uma das maiores psiquialgias que até então sofrera. Era muito, para um homem cuja vida fôra fertilíssima em dôres pungentes da alma. Por fim, deu-se o *trasbordar de uma taça em que, tantos anos havia, gotejava o fel da adversidade*, como diz Sousa Martins [1].

Não menos deletéria acção teve a cegueira. Já vimos que Camilo sentira os pródromos da cegueira quando na cadeia da Relação, no Pôrto. Ora Sousa Martins, avança que essa amaurose era a *expressão periférica de uma esclerose mielencefálica.* Parece ser de todo o ponto verdadeira essa asserção do grande clínico. Em Camilo havia, pois, mais de que a neurastenia: havia uma esclerose mielencefálica.

E o caso de Camilo reconheceria a causa que Fournier reputa geral: a *sífilis*. Acabamos de vêr no atestado firmado pelo eminente professor Dr. Ricardo Jorge a afirmação de que Camilo era um *avariado*.

Coisa natural em quem, como êle, fez a caça à mulher.

Numa carta de D. Ana Plácido a Freitas Fortuna, datada de 25 de Novembro de 1888, lê-se:

«Camilo está cada vez pior. Ontem queimaram-lhe

---

[1] Sousa Martins, *Nosographia de Antero*, inserta na publicação *in Memoriam*. Pôrto, Mathieu Lugan, editor, 1896.

as costas com as tais pontas de fogo e está no uso do iodoreto (*sic*).

«Disse-me Fonseca: mielite siflítica. Isto para mim é o mesmo que dizer-me: cura impossível. Então para que o martirizam?»

O fundo nevrótico constituiria uma causa adjuvante, pois que na história ancestral da maior parte dos tabéticos vamos com efeito encontrar, tantas vezes, a epilepsia, a loucura, a parilisia geral. Num artigo publicado no jornal *As Novidades*, n.º 5871, de 1 de Junho de 1903, escrevia o Dr. Ricardo Jorge, referindo-se à fusão dos sintomas vesânicos e aluéticos no caso de Camilo: «Não sei que moléstia é esta que se aparenta com o tabes sem se confundir com êle.

«Como que a patologia criou para êste homem excepcional um tipo mórbido excepcional também.» [1] Em Camilo temos êssa predisposição ancestral e, pelo que respeita a sintomas, alguns se averiguam de valor. Êle teve, por vezes, paralisias dos membros inferiores, das quais se queixa em diversas cartas escritas aos seus amigos, nos últimos tempos. Êle teve dôres, localizadas nos membros inferiores. Aos dois sintomas alude o escritor em diferentes passagens de cartas, dirigidas a Silva Pinto: «Ontem estive de cama, a curtir um comêço de bronquite e a *cevar as dôres das pernas com o Pain-Killer*, uma mixórdia americana que me leva a epiderme e me deixa as dôres.» «Tencionava ir

---

[1] Transcrito em *Camilo e os Médicos*, pag. 526.

vê-lo ao Pôrto, mas há dias que estou de cama tolhido da perna ½.» «Não teve mau carnaval! O meu juguei o com as pernas, a bisnagá las com terebentina.» E, numa carta a Sena Freitas: «Estou qúasi paralítico...»

Vertígens também as teve, e acompanhadas de zumbidos [1] de ouvidos, como tantas vezes acontece nestas escleroses, o que prova que as fibras do nervo auditivo que presidem à *audição dos sons* não estão alteradas, mas sim as que presidem ao *sentido do espaço* e que caminham nos canais semi-circulares, como bem faz notar Dieulafoy. Em carta dirigida a meu Pai, dizia o genial romancista: «O menor esfôrço (intelectual) produz-me vertígens.» Essas vertígens o levaram a suspender todos os trabalhos intelectuais.

As paralisias dos nervos cranianos manifestaram-se, na esclerose de Camilo, pela *diplopia*, que aparecia por vezes, desaparecendo depois, com o carácter passageiro que em tais casos lhe é peculiar. Numa carta a Silva Pinto dizia: «O pior é que lhe escrevo com um dos dois olhos fechados para não vêr duplicado. Um inferno!...» [2] Mais constante, gradualmente crescente, foi a *ambliopia*, que começou a

[1] Numa carta a Vieira de Castro, Camilo compara êsses zumbidos a «uma zoeira de catadupa».

[2] Silva Pinto. *Cartas de Camilo Castello Branco.* Editores Tavares Cardoso & Irmão. Lisboa, 1895.

manifestar-se durante a reclusão do escritor. Depois como termo último, veio a *amaurose*.

E, ainda sob êste ponto de vista, parece-me suspeito o como que delírio de grandeza que, nos últimos tempos, parecera assaltar Camilo. Quis ser visconde, asseverava fidalga a sua genealogia...

Terrível fim de vida! O trabalho literário, que dantes lhe aligeirava as longas horas da insónia, tornou-se-lhe impossível, porque a amaurose e as vertigens não lho consentiam. Assim, cessara um dos seus poucos refrigérios, êsse recordar do passado, invocando as palestras dos amigos mortos, reconstituindo-lhes a vida, para a trasladar ao papel. A fé que o tinha amparado, fazendo-lhe crêr num Deus misericordioso que lhe havia de dar a divina terapeútica para o seu mal, era desfeita, aos farrapos, à fôrça de se vêr desamparado dessa protecção ideal. A vida do filho que mais amava, via-a convertida num inferno, a sumir-se nos abismos da loucura e, para lhe fugir aos impulsos homicidas, para salvar a sua própria vida, tivera de mandá-lo recolher a um manicómio. A vagabundagem obrigára-o a nunca estar bem em parte alguma e assim andara de terra em terra, arrastando a miserável existência, sempre à procura de um lugar, onde, afinal, lograsse descanso. E, como remate, a suspeita do seu verdadeiro mal, como se depreende dêste outro trecho de uma sua carta: «Ainda vivo no último acto da decomposição. As pernas já estão na campa; mas ainda as sinto nos estorcegões das nevralgias. Eu esperava *isto há*

vinte anos, quando experimentei os pródromos da ataxia.» Tal o seu fim de vida, ao qual se poderiam aplicar êstes dois versos de Beaudelaire:

Chaque jour vers l'Enfer nous descendons d'un pas
Sans horreur, à travers des ténèbres qui puent

Tudo isso lhe criou um invencível horror à vida e, então, a *biofobia* aparece, surge como o alarme do suicídio. Já não teme a morte, como antes, já de nada vale a *tanatofobia*, que êle alimentara por espaço de trinta anos, com curtos desalentos. O suicídio é um dos resultados lógicos a que a sua doença poderia tê-lo arrastado.

Foi no dia primeiro de Julho de 1890, um domingo pela tarde, que Camilo se suicidou, dando um tiro de revólver no parietal direito. O acto foi motivado por um pequeno incidente, qúasi pueril se o compararmos ao desencadear dos fenómenos que, na realidade, o determinaram. Nêsse dia recebera a visita médica de um oftalmologista. [1] É de um jornal da época que transcrevo êste incidente: «Ao princípio, aquele facultativo aconselhou Camillo Castello Branco que fôsse algum tempo para Aveiro, idea que o grande romancista acolheu cheio de júbilo. Em seguida, parece que depois de segundo exame aos olhos do enfermo, o distinto médico mudou de opinião

[1] O Dr. Edmundo de Magalhães Machado, então exercendo clínica em Aveiro, onde justamente se afamara. Faleceu em 1899

« – Olhe, Camilo. Parece-me que não faria peor, ndo para o Gerez. Sua esposa acompanhava-o e po-dia também aproveitar com o uso das águas.

«Imediatamente a fronte de Camillo, pouco antes iluminada pela esperança, se sombreou, e foi com a voz repassada de verdadeira angústia que êle respondeu ao dr. Machado:

« – Pois sim, irei».

D. Ana Plácido, acompanhada pelo médico, saira do quarto e, emquanto despedia o dr. Machado, Camilo suicidou-se.

Tal foi o aparente motivo, insignificante como se vê a par de outros que, anteriormente, poderiam já tê-lo levado ao suicídio.

Mas, além dêle, condições metereológicas talvez tenham influido, porque elas teem realmente valor. A respeito de Antero assevera Sousa Martins que essas condições são para ter em conta. Diz o Mestre: «Sempre o tempo quente foi o mais propício aos suicídios. Influências depressoras do calor húmido, não há quem não as tenha experimentado». A arma que Camilo escolheu foi o revólver; segundo diz Sousa Martins, *os que exercem profissões liberais preferem comummente as armas de fogo; os suicidas por armas de fogo visam qúasi sempre a cabeça...*

Camilo apontou o revólver à cabeça, encostando-o ao parietal direito. E a bala, atravessando o cérebro, foi bater de encontro ao parietal esquerdo. Êsse processo de destruição fôra mais rápido se o comparar-

mos à marcha lenta e tortuosa da esclerose que o ia minando...

Afinal, Sully de Prud-homme tem razão quando alcunha aos homens de:

pauvres mortels, d'humbles marionnettes...

V

«Escrevo romances. e que remédio
senão escrevê-los sempre?!

Camilo Castelo Branco — *Carta a José Gomes Monteiro.*

Tal a nosografia do grande romancista português. É natural que muitas coisas ficassem ainda por apurar e que outras carecessem de mais cuidadosa investigação.

Mas trata-se apenas dum esbôço, dum incitamento para trabalhos similares, cuja importância é incontestável. Demais, numa tese inaugural, nós nunca conseguimos ganhar a imortalidade: raro é trazermos factos novos à ciência. Contentamo-nos com o que já está feito, cozinhámo-lo a nosso modo, condimentando-o melhor ou pior. Por isso preferi apresentar êste assunto, movido pelas razões que já no princípio do meu trabalho apontei.

Pouco me falta acrescentar. Para concluir, direi

B-1078-2

PQ9261. C3Z735 1925

a39001 0041856856

11/71

ENCADERNAÇÃO
de
LIVRARIA CASTRO E SILVA
LISBOA - PORTUGAL